

**UFF- UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
ESR- INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE E
DESENVOLVIMENTO REGIONAL
SSC- DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL DE CAMPOS**

KÍSSILA CARLA GIL ALVES

DROGAS: IMPLICAÇÕES NO ÂMBITO ACADÊMICO E SOCIAL

Campos dos Goytacazes – RJ

2016

KÍSSILA CARLA GIL ALVES

DROGAS: IMPLICAÇÕES NO ÂMBITO ACADÊMICO E SOCIAL

Trabalho Final de Curso
apresentado como requisito final
para a obtenção do título de
bacharel em Serviço Social pela
Universidade Federal Fluminense
– Polo Universitário de Campos
dos Goytacazes.

Orientadora: Profª Drª Rosany Barcellos de Souza

Campos dos Goytacazes – RJ

2016

KÍSSILA CARLA GIL ALVES

**LIBERDADE NA AUSÊNCIA DA MATURIDADE: O USO
ABUSIVO DE DROGAS NA UNIVERSIDADE INTENSIFICADO A
PARTIR DA RUPTURA DOS LAÇOS FAMILIARES E DE
LIMITES INSTITUCIONAIS**

Drogas: Implicações no âmbito acadêmico e social

Trabalho Final de Curso apresentado
como requisito final para a obtenção do
título de bacharel em Serviço Social pela
Universidade Federal Fluminense – Polo
Universitário de Campos dos
Goytacazes.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª Dr^ª Rosany Barcellos de Souza

Prof^ª Dr^ª Ivana Arquejada Faes

Prof^ª Mirian de Freitas da Silva

*“O Lar é o coração do organismo social.
Em casa, começa nossa missão no mundo.
Entre as paredes do templo familiar,
preparamo-nos para a vida com todos.
Seremos, lá fora, no grande campo da
experiência pública, o prosseguimento
daquilo que já somos na intimidade de nós
mesmos.”*

(Francisco Cândido Xavier)

Dedico este trabalho a minha mãe, Iza
Carla Gil, por todo o seu amor e por não
medir esforços para que eu chegasse aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tantas conquistas em minha vida.

Agradeço a minha mãe, por toda a sua garra, amor, apoio e dedicação, por sempre lutar e buscar o melhor para a minha vida, contribuindo profundamente para que hoje eu chegasse até aqui.

Agradeço imensamente aos meus amados irmãos Alinne, Alexandra, Célio e Diego, pela amizade, carinho e paciência, por todos os conselhos e por sempre estarem ao meu lado, torcendo e cuidando de mim.

Às minhas amigas, Beatriz, Ana Carolina Balthazar, Ana Carolina Chagas e Marianna, que se tornaram verdadeiras irmãs no decorrer da nossa trajetória acadêmica, por sempre me darem forças nos momentos mais difíceis e compartilharem momentos tão felizes comigo.

A Deivison, por todo o companheirismo, compreensão e apoio, pela sua preocupação e incentivo todos esses anos.

A todos os amigos de turma e aos professores da Universidade Federal Fluminense por seus ensinamentos.

À minha querida orientadora Rosany, pela paciência, carinho e dedicação, por ter acreditado em mim e dividido comigo sua sabedoria. Por despertar em mim o prazer em pesquisar, escrever e construir e por me mostrar o quanto posso progredir.

As professoras participantes da banca examinadora por dividirem comigo este momento tão importante e esperado.

Às minhas sobrinhas Maria Clara e Isabela, por trazerem a leveza e a alegria que precisei em tantos momentos. A meu anjinho Manuela que me mostrou o real sentido da vida e o quanto posso ser forte.

RESUMO

O presente trabalho tem a finalidade de abordar o uso abusivo de drogas na universidade por jovens acadêmicos que se encontram longe de seu núcleo familiar e com plena liberdade. Ressaltando os malefícios do uso abusivo de substâncias lícitas e ilícitas e o quadro de vulnerabilidade em que se encontram; compreendendo também a importância da família, da maturidade e de uma identidade moral e ética bem desenvolvida, além da compreensão acerca do cenário da universidade pública, a necessidade de uma atuação competente do assistente social, salientando seu trabalho que deve ser voltado à mobilização e à informação da questão das drogas na vida dos jovens.

Palavras Chaves: Drogas. Jovens. Família. Liberdade. Serviço Social.

ABSTRACT

This study aims to address the drug abuse at the university for young scholars who are away from their immediate family and with full freedom. Highlighting the dangers of abuse of licit and illicit substances, and the state of vulnerability they are in; also understanding the importance of family, maturity and a moral and well-developed ethical identity, beyond the understanding of the public university setting, and the need for a competent performance of the social worker, emphasizing his work you should be aimed at mobilizing and information of the drug issue in the lives of young people.

Key-words: Drugs. Young. Family. Freedom. Social Service.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I - O QUADRO SOCIO-HISTÓRICO DE VULNERABILIDADE CONSTITUINDO REFORÇO AO USO ABUSIVO DE DROGAS.....	12
1.1- Vulnerabilidade como forte determinante ao uso de drogas na juventude.....	24
CAPÍTULO II - A UNIVERSIDADE PÚBLICA COMO “LUGAR DE LIBERDADE” NO CENÁRIO DE IMATURIDADE E SUAS REPERCUSSÕES CORROSIVAS NA VIDA DO JOVEM.....	46
2.1- Fortes determinantes estimulam o uso de drogas.....	51
2.2- Importância de um trabalho do Serviço Social.....	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
BIBLIOGRAFIAS.....	86
ANEXO I.....	92
ANEXO II.....	93

INTRODUÇÃO:

O presente Trabalho Final de Curso (TFC) discute a liberdade na ausência da maturidade: o uso abusivo de drogas na universidade intensificado a partir da ruptura dos laços familiares e de limites institucionais.

A escolha do tema deste trabalho justifica-se na prática de campo vivida a partir da experiência em estágio curricular obrigatório em Serviço Social, desenvolvida na UENF - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. A partir de um olhar analítico sobre o campus, foi possível constatar a problemática do uso de drogas por parte dos alunos na universidade, devido ao excesso de liberdade que possuem e à falta de maturidade, com o agravante de não estarem próximos aos familiares e, também, de a instituição não impor limites mais rigorosos.

Estivemos efetivando essa experiência na área da educação e na política de assistência estudantil. Tal cenário foi rico na construção de saberes e próspero na reafirmação de um olhar crítico sobre a realidade. Dessa forma, tornou-se possível reconhecer as fragilidades que compõem o campus, através das frustrações acadêmicas dos alunos, da inexistência do suporte familiar daqueles que vieram de outras cidades, do excesso de liberdade, da carência de limites institucionais, do atraso das bolsas acadêmicas, do uso de drogas, da falta de recursos para as despesas da instituição e da falta de um serviço de segurança mais rigoroso no campus.

A partir dessa perspectiva, apresentaram-se também lacunas que indicam prejuízos no cenário institucional para a resolução do fenômeno de uso de drogas, presentes no ambiente universitário. Sendo elas: a falta de meios preventivos e mais efetivos; a necessidade de informação mais específica sobre as drogas; a ruptura dos laços familiares; a imaturidade dos alunos; o despreparo dos alunos em lidar com suas frustrações; a adaptação ao novo território de moradia; a inexistência de grupos de apoio ao uso abusivo de drogas e a ausência de regras no espaço universitário.

O objeto de pesquisa explorado tratou o assunto liberdade como falta de maturidade, intensificada pela ruptura dos laços familiares, e também pelos limites institucionais que possibilitam o uso abusivo de drogas na universidade.

Para auxiliar no entendimento do objeto de estudo, objetivamos compreender como é conduzida a liberdade dos jovens alunos que romperam com seus vínculos familiares. De que forma a imaturidade dos jovens acadêmicos interfere na sua vida

social e acadêmica? Por que se torna necessária a existência de regras estabelecidas pela instituição e o auxílio de responsáveis para conduzir o jovem nesta etapa da vida?

Esses fenômenos interferem diretamente na realidade daqueles que compõem a instituição que tem como base principal a juventude, desencadeando uma série de consequências que nem sempre são positivas.

“O Brasil conta hoje com 2.252 Instituições de Ensino Superior, totalizando mais de 5,8 milhões de estudantes universitários. A entrada na universidade (...) se constitui em um momento de maior vulnerabilidade, tornando-os mais suscetíveis ao uso de drogas.” (BRASIL, 2010, P. 11)

Como ressaltado pela Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas (BRASIL, 2010), o país é composto por muitas universidades e diversos alunos. Essa realidade se desdobra sobre vários fenômenos no âmbito acadêmico e social, sendo necessário um olhar mais atento e um estudo mais denso.

Dessa forma, o ponto escolhido para ser explorado foi o uso de drogas entre os jovens no espaço institucional, onde o contexto a ser trabalhado o educacional e o cenário a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, em que os sujeitos sociais são os jovens alunos, a administração político-pedagógica da universidade e a família.

Objetivamos compreender como a ruptura familiar interfere na vida de jovens alunos devido ao distanciamento e com isso construir conhecimentos sobre os riscos que os jovens alunos oriundos de outros municípios estão propícios a vivenciar e analisar de que forma a falta de maturidade e o excesso de liberdade prejudicam a vida desse jovem.

Tais objetivos se deram, uma vez que é possível constatar que os jovens ao se encontrarem longe do seio familiar, em outro território de moradia, sem a devida maturidade e identidade totalmente construída e, ainda, sem limites institucionais, optam por momentos de divertimento, muitas vezes abusivos e ilícitos, sem considerar as consequências de seus atos. A juventude acaba então representando uma etapa na vida de indivíduos que muitas vezes tomam decisões erradas por estarem mais expostos às influências de grupos de amigos e da mídia em geral. O jovem carece, portanto, de uma assistência que possa direcionar suas ações para um caminho que seja construtivo para si naquele momento e futuramente.

Utilizamos os princípios do materialismo histórico dialético, que como colocado por Konder (1981) tem a finalidade de compreender e analisar a história da humanidade considerando o todo (as lutas, a trajetória política, econômica e social), cada particularidade que interfere na vida do indivíduo. Tais princípios estabelecem uma contraposição à lógica do estático que desconsidera os conflitos e não compreende a realidade a partir de suas múltiplas determinações. A lógica dialética apreende a realidade considerando suas contradições e seu constante processo de mudança, tendo como base o contexto no qual está inserida.

Obedecendo a essa linha de raciocínio, efetivamos revisão de literatura, que se compõe de análises de textos importantes para a construção da pesquisa, por ordem cronológica, respeitando a evolução do tema; (FRANÇA, 2007) e que de acordo com Lima e Miotto (2007) mostra-se como pré-requisito para a elaboração de uma pesquisa. Discorreremos então sobre as categorias de família, juventude, drogas, liberdade, maturidade, identidade e vulnerabilidade, para assim compreender como se dá o desdobramento da prática do uso abusivo de drogas na universidade. Dando prosseguimento foi feita pesquisa bibliográfica, que de acordo com Lima e Miotto (2007) resulta em uma junção de procedimentos que visem encontrar explicações, de acordo com o objeto de estudo e sendo assim não pode se dar de qualquer maneira, sem a devida atenção.

Foi elaborada a seguinte questão para fundamentar a pesquisa: por que a liberdade se torna algo abusivo entre os jovens, partindo assim para o uso de drogas dentro do espaço institucional?

Para compreendermos as indagações aqui apresentadas, houve a divisão do trabalho em dois capítulos. No primeiro capítulo, é explorado o quadro sócio-histórico de vulnerabilidade, constituindo reforço ao uso abusivo de drogas, apresentando a vulnerabilidade como forte determinante ao uso de drogas na juventude.

No segundo capítulo, contextualiza-se a universidade pública como “lugar de liberdade” no cenário de imaturidade e suas repercussões corrosivas na vida do jovem, considerando os fortes determinantes que estimulam o uso de drogas e a importância de um trabalho do Serviço Social.

CAPÍTULO I - O QUADRO SÓCIO-HISTÓRICO DE VULNERABILIDADE CONSTITUINDO REFORÇO AO USO ABUSIVO DE DROGAS

Na história dos povos, podemos compreender que o uso de drogas nem sempre tinha como foco principal despertar sensações e o divertimento. As drogas já foram usadas para funções bem diferentes e não existia o jogo de interesses que engloba o mundo das drogas na atualidade. Elas não eram conceituadas como algo charmoso e recreativo.

Nesse percurso pessoas usavam drogas como remédio, com a finalidade de diminuir suas dores e seus sofrimentos, ou até mesmo para aliviar a própria fome, já que muitas dessas substâncias durante seu efeito tiram o apetite, dispensando a necessidade de o indivíduo se alimentar. A partir do século XX e XXI, foi possível notar alteração nesse comportamento, alterou-se o sentido das substâncias lícitas e ilícitas socialmente que passaram a representar símbolos de status, gerando a ideia de superioridade. (GIKOVATE, 1997)

Aos poucos as drogas passaram a ter o sentido de posição, de condição, de classe e de relevância de que o indivíduo faz parte. Erroneamente, constroem a ideia de drogas como algo que atribui valor e estima ao homem. Diante dessa ilusão, muitos indivíduos caem na fantasia de se tornarem mais populares e mais apreciados. É considerável destacar que cada vez mais há a propagação desses pensamentos. A mídia e a sociedade mesmo que de forma indireta induzem os jovens a construírem esses princípios equivocados.

Nas últimas décadas, as motivações para o uso de drogas, muitas vezes, estão ligadas a um status e na maioria dos casos, visam à diversão, principalmente entre jovens que buscam interagir e fazer parte de determinados grupos. O que de positivo (na visão do indivíduo) tal substância pode proporcionar sem se preocupar com as consequências negativas e o que de fato são as drogas para racionar sua decisão? “Quando falamos de drogas, fazemos referências a quê? Diz-se que droga é toda substância que, ao ser usada por um indivíduo, pode modificar o funcionamento do organismo numa intensidade variável.” (MENDONÇA, 1997, P. 10)

Podemos compreender que as drogas funcionam como uma substância capaz de interferir no modo de agir e pensar dos indivíduos, cada droga com sua dimensão e alterações. São substâncias que desencadeiam mudanças nas sensações, no grau de

consciência e no estado emocional das pessoas. As alterações causadas por essas substâncias vão variar de acordo com as características da pessoa que as usa, da droga escolhida, da quantidade, frequência, expectativas e circunstâncias em que é consumida. (BRASIL, 2010)

Muitos indivíduos não possuem a percepção de que mesmo que a substância por ele utilizada não demonstre ser tão agressiva assim ao alterar seu modo de ser, ela é denominada como uma droga. Além disso, o fato de não demonstrar ser tão perigosa no início, não quer dizer que será sempre assim. A tendência é que os intervalos de uso e a quantidade aumentem a dependência e com isso também aumentem consideravelmente os danos.

Nota-se que por mais que a problemática do uso de drogas não seja algo novo, socialmente falando, no Brasil, as políticas públicas só passaram a considerá-las e a tratá-las nos anos 1990. Anteriormente, essa situação foi conduzida de modo despreparado, violento e repressivo. Somente com o Sistema Nacional Antidrogas – SISNAD, há o debate sobre as drogas como cunho político, em que ações foram criadas e estruturadas para sua resolução, porém, no Brasil, a criação do SISNAD se deu não por necessidade de ações mais comprometidas e atentas a essas questões, mas para seguir padrões de outros países.

Com relação às políticas públicas, até a década de 1990, o Brasil não dispunha de uma política específica para o problema da dependência do álcool e de outras drogas, sendo enfrentado a partir de medidas repressivas direcionadas para o impedimento da oferta e do comércio das drogas. Em 1998, na Assembleia da Organização das Nações Unidas (ONU), realizada com objetivo de promover uma discussão específica com relação às drogas, em nível mundial, o presidente Fernando Henrique Cardoso firma o compromisso de criar um Sistema Nacional Antidrogas (SISNAD) para enfrentamento desta demanda. Esse episódio nos mostra que o Brasil elabora o SISNAD para cumprir uma orientação internacional e não a partir de uma necessidade nacional. (RODRIGUES, 2007, P. 4)

O uso de drogas representa uma das manifestações da questão social e abrange várias outras consequências. Mais importante que tentar solucionar essa questão, é criar mecanismos que impeçam essas implicações, de modo que compreendam as consequências que possam ser desencadeadas a partir do uso das drogas, tais como: acidentes de carro, atropelamentos, quedas, violência familiar, problemas de saúde, prejuízos na formação acadêmica, dentre outros.

A problemática do uso de drogas no Brasil, que se configura como uma das expressões da questão social tem sido alvo de esforços diferenciados por parte de Governo, sociedade civil, empresas privadas e diversas outras organizações. Na contemporaneidade, têm-se buscado desenvolver estratégias que não se atenham a resolver as situações geradas pelo uso de drogas (dependência química, vulnerabilidade social, envolvimento em práticas ilegais), mas se antecipem ao implementar ações que tenham como finalidade principal a prevenção ao uso. (SANTOS; FREITAS, 2012, P. 2)

A utilização das drogas, no Brasil, sempre foi mais discreta quando comparada ao de outros países. O uso dessas substâncias ainda não nos coloca no ranking das sociedades de maior consumo. O campeão de uso de drogas é os Estados Unidos, seguido do Canadá e de vários países europeus. É de suma importância observar, no entanto, que nosso uso de drogas, mesmo que discreto no cenário internacional está associado a um número muito grande de problemas, principalmente violência, acidentes e AIDS. (BRASIL, 2010)

Tais problemas afetam diretamente a vida social, sendo um desafio levar a sociedade a superar essa “doença” que vem se configurando no decorrer dos anos e predominando nos dias atuais. Diante deste contexto, o grande vilão das drogas é a questão social. O problema das drogas entre os jovens e adultos está relacionado muitas vezes à falta de perspectivas. Um dos caminhos para solucionar essa questão é incentivar aqueles que já tiveram, ou estão propícios a terem contato com essa substância, a participarem mais do convívio com a comunidade de ensino, a praticarem esportes, a aproveitarem as oportunidades de emprego e renda, a participarem de programas sociais e com isso somarem esforços para enfrentarem a falta de perspectiva e estímulo e a optarem por um caminho diferente da realidade das drogas. (OLIVEIRA, 2006)

Essa falta de estímulo pode desencadear o uso excessivo de drogas, que se apresenta como um dos maiores problemas de saúde, além de ter o poder de provocar o distanciamento do indivíduo do seu local de ensino, do convívio familiar e em sociedade, colocando em risco a vida. Por diversos fatores, a sociedade e o governo se veem em meio a uma grande dificuldade de combater o uso de drogas e prestar atendimento àqueles que se tornam dependentes químicos. Devido a essa situação, vem ocorrendo a expansão do tráfico, com o crescimento do número de usuários e o surgimento de uma variedade de substâncias ilícitas com um potencial cada vez mais alucinógeno e propulsor do vício. (BADARÓ, 2013)

(...) as drogas legais como o álcool e o tabaco são os problemas de saúde pública mais proeminentes no Brasil, embora exista uma estereotipia mental da população que quando fala em drogas pensam apenas na cocaína e na maconha. Os dados mostraram que a nossa realidade do consumo de drogas, embora semelhante à de outros países, tem particularidades que precisam ser respeitadas na elaboração de programas de prevenção, para que sejam adequados à nossa população. (CARLINI et al., 2005)

A ingestão excessiva de bebidas alcoólicas vem se apresentando como um problema real no mundo, podendo se agravar ainda mais caso não tenham esses métodos informativos e preventivos que podem mobilizar a consciência dos sujeitos sociais, já que o consumo de bebidas se inicia com naturalidade e sem apresentar grandes riscos.

A cerveja, o vinho, a caipirinha e o chope são elementos da vida cotidiana de muita gente. Essas bebidas são muito utilizadas na hora de comemorar datas festivas e de selar compromissos, também são utilizadas nas refeições nos fins de semana, para alegrar festas e “criar um clima”. São argumentos para encontrar os amigos num barzinho, depois do cinema, ou mesmo só para conversar. É comum o consumo social de bebidas alcoólicas, porém pode se tornar um hábito comum do dia a dia, provocando um possível uso excessivo. Se bebida traz momentos bons e alegres, não é novidade para ninguém que pode trazer muitos problemas também. (BRASIL, 2010)

Ainda de acordo com Brasil (2010), vale ressaltar que:

(...) quanto mais se beber, maior será o cansaço. Quanto mais alta a concentração de álcool no sangue (chamada de alcoolemia), mais a bebida atua como depressora e não como estimulante. Neste caso, portanto, agir com moderação é menos arriscado e mais divertido. (P. 13)

Além do uso excessivo de bebidas alcoólicas, o consumo de algumas drogas, sobretudo maconha e cocaína, cresceu bastante ao longo da última década. (BÜCHELE et al., 2009) De acordo com pesquisa realizada por Carlini et al., (2002), aponta que a maconha e a cocaína foram as drogas consideradas as mais fáceis de serem obtidas.

A maconha é o nome popular de uma planta chamada Cannabis Sativa que vem sendo usada, há séculos, por várias culturas e em diferentes momentos da História, com fins médicos e industriais. Desde os anos 1960, a maconha ficou mais conhecida pelo seu uso recreativo, com o propósito de alterar consciência. (BRASIL, 2010)

De acordo com os autores Góis e Amaral (2009), o uso da maconha nunca foi aceito pela “sociedade de bem” e seu uso estava relacionado aos negros e aos mestiços. Sua proibição ocorreu em 1930, mais como uma forma de repressão àqueles que a usavam e a conduta de uma determinada classe social, do que como proibição da planta Cannabis em si. Segundo os autores, as primeiras prisões pelo uso de drogas ocorreram em 1933 no Rio de Janeiro.

Em Tancredi (1982) e Brasil (2010), são apresentados os malefícios causados pela maconha. É ressaltado que a memória e a atenção são afetadas ao fazer uso da maconha, prejudicando a capacidade de aprender, fazendo cair o desempenho nos estudos. Porém mesmo com tantos malefícios não é difícil encontrar também no cenário da educação alunos que conhecem alguém que já fez uso dela, ou até mesmo que o próprio já a tenha experimentado. Em pesquisa realizada por Francisco Bernardini Tancredi, em “As toxicomanias do ponto de vista da medicina e da saúde pública.” In: Drogas e drogados: o indivíduo, a família, a sociedade (1982), essas informações são consolidadas: “Há um certo grau de alteração das percepções e do julgamento da realidade; além disso, os reflexos ficam mais lerdos. Portanto, sob efeito da droga o desempenho de uma pessoa está reduzido (...).” (TANCREDI, 1982, P. 49)

Maconha é a substância proibida por lei mais usada em nosso país. De acordo com pesquisa realizada em 2005, de cada 100 brasileiros, aproximadamente, nove já haviam usado maconha pelo menos uma vez na vida (ou seja 9%). É claro que esse dado varia conforme o sexo e a idade: entre homens, 14,3% já usaram e, entre mulheres, 5,1%. O uso maior é entre jovens adultos de 18 a 24 anos de idade, atingindo a porcentagem de 17% nessa faixa etária, e menor entre adolescentes de 12 a 17 anos: 4,1%. (BRASIL, 2010, P. 11)

Em pesquisa realizada pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 1(em “Drogas: cartilha sobre maconha, cocaína e inalantes” (2010)) aproximadamente três em cada cem brasileiros relatam ter usado cocaína pelo menos uma vez na vida (2,9%). Já nos Estados Unidos, esse consumo situa-se em 11,2%. O uso de cocaína no Brasil varia bastante conforme sexo e idade: situa-se em 5,4% entre homens e 1,2% entre mulheres. A faixa etária de maior uso acontece entre 25 e 34 anos de idade, na qual atinge a porcentagem de 5,2%. Entre os adolescentes de 12 a 17 anos, 0,5% relatam já terem experimentado essa droga. (BRASIL, 2010)

¹ BRASIL, Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **Drogas: cartilha sobre maconha, cocaína e inalantes** / Secretaria Nacional de políticas sobre Drogas. – Brasília, 2010.

Com essas pesquisas, é possível observar que o uso dessas substâncias se dá em maior parte pelo sexo masculino com idades na média de 18 a 34 anos e o uso da maconha é maior que o da cocaína. Porém, essa porcentagem não diminui o agravante do uso dessa droga, a cocaína mesmo que usada por um número menor de indivíduos ainda é altamente prejudicial e se encontra presente no contexto histórico do país:

A cocaína é uma substância extraída das folhas da coca. Durante o século XIX e o início do século XX, foi vendida nas farmácias como anestésico local e como tônico para dar mais energia. No século XX, tornou-se uma substância ilegal, em grande parte devido aos efeitos danosos e, frequentemente, fatais causados a seus usuários. A cocaína, em pó, é usualmente inalada ou injetada. (BRASIL, 2010, P. 18)

Hoje em dia, o potencial danoso da substância é mais reconhecido em termos de causar dependência e precipitar uma série de problemas físicos, psíquicos e sociais. Ao se fumar a cocaína, na forma de crack, o organismo experimenta uma sensação de prazer tão intenso quanto fugaz. A oscilação entre o prazer intenso e seu decréscimo em curto espaço de tempo gera um desprazer considerável o que motiva o usuário a utilizar cada vez mais a droga expondo-se, dessa forma, ao risco de desenvolver dependência química. (BULLA et al., 2013)

Tal problemática que envolve o álcool e outras drogas não só preocupa no que tange o tratamento dos sujeitos que enfrentam essa questão, mas também, de que forma a postura despreocupada e negligente do país em relação ao olhar para esse consumo de drogas, afeta o indivíduo e a sociedade em geral, uma vez que, apesar de existirem ações na tentativa de resolver a dependência em si, pouquíssimo é trabalhado sobre as causas até resultar na ação do uso das drogas. Tão importante quanto estar atento em eliminar o uso e a dependência, é buscar romper com o contexto que é favorável ao uso abusivo.

Ao tentar solucionar o uso abusivo do álcool e de outras drogas, o indivíduo, a família, a sociedade e autoridades perdem de vista a importância de investigar e de analisar os fatores que envolveram a ação abusiva. Os indivíduos que optam por experimentar e por continuar fazendo uso de determinada substância estão agindo a partir de inúmeras razões. Sendo assim, é importante entender que razões são essas e procurar atuar para que elas não resultem no uso de drogas a longo prazo, do que apenas solucionar a questão do uso em si.

Na tentativa de lidar com o problema da “drogadição” e com os danos e consequências devastadoras que podem acarretar, muita energia é mobilizada para livrar-se da “droga” em si, desconsiderando os mecanismos, não apenas psíquicos, mas também sociais e culturais, que levam o jovem a se relacionar com o mundo à sua volta de uma forma que fere sua autonomia e sua possibilidade de escolher. (SARTI, 2004, P. 126)

Muitos fatores e classificações envolvem o mundo das drogas. O que se percebe é que embora querendo se ver livre de tais substâncias, a sociedade não obtém a dimensão dessas informações. Pode-se então compreender as drogas como excitantes, depressoras e alucinógenas, podendo ter mais de uma ação psicotrópica (atuação sobre o sistema nervoso central), de acordo com a personalidade, com o tempo de uso e com a dosagem, sendo as drogas depressoras: a maconha, o álcool, os barbitúricos, os solventes (ou voláteis), os opiáceos (heroína, morfina, ópio) etc. Já as drogas excitantes são representadas pela cocaína, as anfetaminas, a efedrina, o crack, o ecstasy etc. E são classificadas como drogas alucinógenas o LSD-25, a mescalina, a feniciclidina, os cogumelos etc. (MENDONÇA, 1997)

Para muitos indivíduos que se envolvem com essas drogas, falta a compreensão do que cada uma pode expressar em seu organismo e em seu comportamento; o perigo em fazer uso de mais de uma e optar por se envolver com elementos que são classificados de forma tão prejudicial e insalubre pode ser danoso. Com o passar do tempo, o indivíduo que faz uso de determinada substância pode até mesmo passar a ter múltiplas reações de tais classificações. Os meios preventivos devem expor tal realidade com maior rigor e clareza, utilizando uma linguagem viável a todos para fazê-los compreender o quanto as drogas são perigosas e nocivas.

É importante destacar que as drogas são especificadas como lícitas e ilícitas. As lícitas correspondem as “aceitáveis” pela legislação e, socialmente, podendo ter seu uso a qualquer momento, sem que sejam gerados conflitos com a polícia e a lei; já as ilícitas podem ser compreendidas como as proibidas socialmente, sendo negado ao indivíduo o poder de conduzir e usar livremente, podendo responder à justiça caso contrarie a regra. (RODRIGUES, 2007)

Na grande maioria das vezes, os indivíduos possuem a noção dessas classificações, sabem o que elas representam e o que desencadeiam legalmente, porém ainda assim ignoram o que está estabelecido como sendo aprovável e reprovável. Consistindo numa característica específica e forte da juventude (período comum ao

primeiro contato com as drogas), contrapondo-se com o que está determinado e deve ser seguido. Mesmo diante da indiferença posta por muitos em absorver e assimilar tais distinções, é preciso reforçar como elas se dão e que realmente existem as que são censuradas e que podem gerar danos individuais e sociais.

Muitos ignoram o que está estabelecido em lei, porque no momento de uso de cada substância a sensação despertada no geral é prazerosa, os sentidos despertados são desejáveis para quem as usa; as sensações psicológicas são agradáveis, promovem a sensação de bem-estar para quem as ingeriu, inalou ou injetou. (GIKOVATE, 1997)

Quanto maior a satisfação da sensação provocada pela droga, maior é o poder de “sedução” que ela exerce sobre aquele que faz uso. Quando o indivíduo acredita que se identificou com determinada substância, sente-se encorajado e a vontade para intensificar seu uso na mesma, ou até mesmo para experimentar outras. “A tolerância leva o drogado a aumentar progressivamente a quantidade da droga autoadministrada, para que ela produza os efeitos desejados, por serem agradáveis.” (MENDONÇA, 1997, P. 12)

O preocupante para esses indivíduos é exatamente a sensação de que tudo está bem, transmitido pela droga, a quem usa fica cada vez mais difícil identificar e reconhecer seus malefícios.

Torna-se necessário ressaltar que as sensações agradáveis se dão apenas por um período limitado, após um tempo de uso as sensações provocadas podem ser bem desagradáveis (como a ressaca para aqueles que fazem uso abusivo do álcool). Ao passar a fase agradável das drogas, os indivíduos tendem a querer mais da mesma sensação, eis que se dá o perigo do vício e da dependência.

Todas as drogas geram danos, ou lesões no organismo de um indivíduo como um todo e com diversos sintomas. Entretanto, existe um em comum: a mudança de comportamento e de conduta. É exatamente no momento que ocorre esta mudança de comportamento, havendo a alteração da personalidade, que se tornam claros os sinais para notarmos se determinada pessoa está fazendo uso abusivo de drogas. Exemplo: um jovem que está abusando de droga, em algum momento, passa a alterar seu modo de ser. Na aula, deixa de ser atento, apresenta-se hiperativo ou sonolento, cria problemas com outros alunos, passa a ser relaxado em sua apresentação, em seu visual: cabelos

despenteados, roupas pouco adequadas e queda do aproveitamento acadêmico. (MENDONÇA, 1997)

Realmente, as drogas não passam despercebidas para aqueles que convivem com quem faz uso. O indivíduo ganha outra imagem. Quem de fato o conhece passa a estranhar seu novo modo de agir e de se expressar. Aqueles que o acompanham de perto e sabem de sua essência identificam e se preocupam rapidamente, quando há alterações nas ações de quem o indivíduo de fato costuma ser., mas quando aqueles que estão ao seu redor são amigos que nem sempre estão tão atentos a tais ações, ou não se preocupam em alertar, ou até mesmo utilizam também do abuso de substâncias lícitas e ilícitas, as chances para mudar a realidade desse indivíduo ficam gravemente comprometidas.

(...) a droga também traz a sensação erótica de destaque, de que se é uma pessoa especial por ser um usuário dela. Em alguns casos, ela pode até simbolizar status social – isso em virtude do seu preço. A cocaína é cara e é consumida, em geral, por gente que tem bastante dinheiro; logo, todo mundo sabe que o viciado em cocaína é uma pessoa de classe social mais alta. (GIKOVATE, 1997, P. 36)

Existe cada vez mais a noção de valores atribuídos ao indivíduo para cada droga. As drogas emitem um valor para quem as usa, em especial para aquelas que são mais caras no mercado, transmitindo a ideia de grandeza de acordo com cada gasto emitido para obtê-las.

É de suma importância compreender que existe uma diferença entre usuário de drogas e dependentes químicos. Os usuários de drogas o fazem, na maioria das vezes, em virtude de um comportamento social sociodoméstico. Diferente dos drogados que usam drogas devido à predisposição adquirida ou hereditária. (MENDONÇA, 1997)

Uma outra coisa precisa estar muito clara na cabeça de todos nós: todos temos tendência para nos viciar em alguma coisa; em particular, em alguma droga. É muita ingenuidade e muito otimismo achar que coisas como essa só acontecem com os outros e que conosco tudo sempre estará sob controle. As coisas não são assim e nós não somos melhores do que ninguém; ao menos nesse particular. (GIKOVATE, 1997, P. 39)

As pessoas por diversos fatores, inclusive biológicos, podem se viciar em certas drogas. E não terem noção disso faz com que elas possuam uma inocência muito perigosa. De fato, em situações diferentes, o indivíduo dispõe a achar que tal situação negativa nunca acontecerá com ele, ou próximo a ele. Que as fatalidades só ocorrem

com os outros e jamais com ele. Os jovens, principalmente, por não estarem na fase adulta, seguem essa ideologia despreocupada e irracional. É de suma importância a análise de que as ações realizadas pelo indivíduo podem desencadear uma série de consequências em sua vida e na vida daqueles que se importam com seu bem-estar. Pensar no dia seguinte, nesses casos é essencial.

Com as notícias e percepções da vida cotidiana, é possível notar que o público usuário e os tipos de drogas passaram a sofrer alterações. Conforme a idade média dos que se envolvem no abuso de drogas vai diminuindo, algumas das novas modas nesse mundo se tornam progressivamente perigosas e bizarras. (LOURIA,1972) A cada dia surgem drogas novas e os indivíduos não se mostram preocupados em conhecê-las, apenas em usá-las. São substâncias cada vez mais inusitadas e agressivas, encontradas nas mídias e entre grupos de usuários de drogas. Por transmitir a ideologia de alteração e “onda”, os jovens já se sentem encorajados a experimentar e a indicar para um amigo, sem levar em conta os danos que essas químicas desconhecidas podem gerar ao organismo. Não é incomum encontrar casos de indivíduos que vieram a óbito após usar substâncias das mais variadas, em que não se tinha nenhuma noção de sua composição. A juventude rica em disposição, em criatividade e em vontade de viver tem usado seu entusiasmo de forma estúpida e inconsciente. Aqueles que se julgam tão atualizados e “anteados” a tudo e a todos não buscam informações sobre o domínio da substância que a seu ver é inofensiva. Acreditam nas propagandas de “boca a boca” e se deixam enganar por algo tão sério e tão importante que corrompe a sociedade de forma cada vez mais agressiva.

Há aqueles que defendem a liberalização das drogas, falando com frequência sobre elas, das leves e das pesadas, na tentativa de torna-las leves e livres para o consumo. Tal classificação tem como base o estado de dependência que se instala no usuário, podendo ser psíquica e física. A psíquica é mais fácil de ser trabalhada e combatida, sendo determinada pelas drogas rotuladas como drogas leves; já a física é determinada a partir do que seriam drogas pesadas, mais difíceis de serem liberadas. (MENDONÇA, 1997)

Independentemente de a droga ser leve ou pesada, o que sabemos é que, em geral, quando existe o uso abusivo de drogas, as consequências na sua totalidade são prejudiciais ao organismo de quem faz uso e às suas relações como um todo, afetando diversos fragmentos da sua vida. Ao acreditar que estão fazendo uso de substâncias

leves, os indivíduos não se dão conta de que o contato com a droga se tornou rotina e em determinado momento tais substâncias podem parecer suaves demais e, com isso, partem para um aumento considerável do uso da mesma, ou ao uso de substâncias que sejam mais pesadas. Dando início a um quadro ainda mais grave de dependência de drogas e depreciação do seu próprio ser.

Se um indivíduo fuma maconha todos os dias ou várias vezes por semana, e se num dia o seu consumo total é de apenas dois a quatro cigarros, mesmo assim poderá experimentar uma mudança completa na sua perspectiva de vida e perder os seus objetivos. Um estudante que esteja indo bem nos estudos pode começar a falhar. Um outro que tenha planos de entrar para um curso superior pode descobrir que toda vez que enfrenta a tensão de um exame fuma um cigarro de maconha e, sob a influência da droga, chega à conclusão que o exame não é assim tão importante, que seus objetivos são, afinal, ilusórios. Por isso não estuda, fuma a sua maconha e não passa no exame. (LOURIA, 1972, P. 52)

Muitos indivíduos não se dão conta de que as drogas consideradas leves podem tirar totalmente a perspectiva do que realmente é importante e positivo, podem embriagar completamente os planos traçados para o futuro.

A ação de fumar alguns cigarros de maconha como um “relaxante” pode se tornar um hábito e sempre que houver uma situação de desconforto, o indivíduo recorre a ela como uma forma de escape. No caso de jovens alunos, as provas, as avaliações e os seminários podem ser esses momentos de desconforto em que o jovem tenta fugir, e ao fumar ele não encara esses desafios como deveria e, conseqüentemente, não cresce, não amadurece enquanto profissional e pessoa.

Sendo assim, a ideia de liberar as drogas é acima de tudo uma resposta ao despreparo e ao desespero diante da atual situação do que uma solução efetiva e sensata para o problema. Se adotada, ampliaria muito mais os problemas já existentes. Na realidade, não há provas científicas aceitáveis que relatem que a legalização do uso de drogas não desencadearia um aumento gritante do seu uso. As considerações daqueles que defendem a liberalização são utópicas demais para arriscar uma epidemia do uso de drogas, que seria não só incontrollável, como de conseqüências devastadoras. Muito provavelmente, os problemas já existentes conseqüentes do uso abusivo de drogas se somariam aos causados pelo aumento desvairado do consumo de drogas legalizadas. A liberação e descriminação envolvem riscos expressivos para que a sociedade possa apostar numa postura “para ver no que dá.” (MENDONÇA, 1997)

A legalização das drogas não seria então a solução ideal para essa problemática. É preciso pensar, planejar e agir e não somente arriscar e torcer para que a “solução” tomada dê certo. É preocupante imaginar que um indivíduo passe a acreditar que não há problemas em usar determinadas substâncias. Nos dias atuais, o ato abusivo de drogas é praticado com frequência ainda que exista a proibição. O difícil é compreender que ao legalizar e permitir que esse indivíduo adquira e faça uso sem restrições de tais drogas isso seria um ponto a favor para a eliminação das mesmas. Seria um risco muito alto para correr, com resultados que poderiam ser catastróficos, principalmente, aos jovens que demandam cuidados e atenção das autoridades e da sociedade em geral.

1.1- VULNERABILIDADE COMO FORTE DETERMINANTE AO USO DE DROGAS NA JUVENTUDE

Desde o surgimento da sociedade enquanto conjunto de relações entre diversos indivíduos, podemos observar a existência de desigualdades, de diferentes posturas, de representações e de relevâncias. Nessa perspectiva, há a vulnerabilidade, remetendo às fragilidades e às fraquezas de determinado grupo de indivíduos, sendo esse um expressivo determinante para o uso de drogas. Diante disso, é preciso um olhar mais atento sobre os moldes sociais que vieram se estabelecendo no país.

Como praticamente tudo passa a ser considerado uma mercadoria, analisar a trajetória e a cultura brasileira sem considerar as mudanças qualitativas, é no mínimo errôneo. Ao abordarmos o desenvolvimento da sociedade no país, não podemos desconsiderar a influente participação do capitalismo nessa trajetória. Muito se avançou, mas a grande desigualdade é marca expressiva de um capitalismo absolutamente excludente. As consequências dos avanços e as decadências sempre foram constantes e envolveram o destino da população, tornando essas pessoas cada vez mais vulneráveis a uma série de situações. (SODRÉ, 1986)

As primeiras obras desenvolvidas para analisar a perspectiva de vulnerabilidade social foram elaboradas e motivadas pela preocupação em abordar de forma mais intensa e totalizante não somente o fenômeno da pobreza, mas também as diversas modalidades de desvantagem e de inferioridade social. Tais estudos tinham como foco principal observar os riscos de mobilidade social descendente e as configurações vulneráveis que não se restringiam apenas àqueles situados abaixo da linha da pobreza, mas toda população e sociedade em geral. Partiam da exploração do fenômeno do bem-estar social de uma maneira dinâmica, analisando as causas e as dimensões associadas a esse processo. (ABRAMOVAY et al., 2002)

Logo, a vulnerabilidade de um indivíduo, família ou grupos sociais refere-se à maior ou menor capacidade de controlar os ativos que constituem os recursos requeridos para o aproveitamento das oportunidades propiciadas pelo Estado, mercado ou sociedade. (ROSSINI; BARROS, 2012, P. 114)

A vulnerabilidade social remete àqueles excluídos socialmente, que estão à margem da sociedade, que se apresentam em situação de risco. As drogas não diferentes dessa realidade representam uma série de ameaças ao bem-estar do indivíduo, sendo

necessário então compreender melhor essa vulnerabilidade enquanto causa e originador do uso abusivo dessas substâncias.

Dentro do quadro da vulnerabilidade, que permite ampliar o leque das dimensões socioeconômicas, políticas e culturais do uso abusivo de drogas, ressaltaremos as dimensões culturais do risco como um dos aspectos da vulnerabilidade. Chama a atenção à proliferação de diversos comportamentos considerados de risco e a grande ambivalência existente nas formas através das quais os riscos são representados e vivenciados nas sociedades ocidentais atuais. (PAULILO, 2000, P. 42)

A vulnerabilidade pode ser entendida como resultado das expressões e das relações sociais, como um quadro de risco constante para o indivíduo que nele se encontra. Tais riscos podem ser de diferentes modos e entendidos a partir de inúmeras situações em que o contexto social e a realidade do indivíduo caracterizam o tipo de vulnerabilidade do qual ele faz parte. Por essa razão, a importância de uma análise crítica perante a condição de estar vulnerável e de ações que possam alterar esse quadro de fragilidade.

(...) a vulnerabilidade social se constitui como construção social, enquanto produto das transformações societárias, assumindo diferentes formas de acordo com os condicionantes históricos. Essas transformações acabam por desencadear fundamentais mudanças na esfera da vida privada, acentuando fragilidades e contradições. (...) A vulnerabilidade social, assim compreendida, pressupõe um conjunto de características, de recursos materiais ou simbólicos e de habilidades inerentes a indivíduos ou grupos, que podem ser insuficientes ou inadequados para o aproveitamento das oportunidades disponíveis na sociedade. Assim, essa relação irá determinar maior ou menor grau de deterioração de qualidade de vida dos sujeitos. (MONTEIRO, 2011, P. 34-35)

Ainda de acordo com Monteiro (2011), a redução dos níveis de vulnerabilidade pode ser realizada com o fortalecimento dos sujeitos para que possam ter acesso a bens e a serviços que atendam de fato a suas necessidades. Nesse sentido, a política de assistência social, enquanto política pública de proteção social, constitui-se como um dos instrumentos fundamentais na garantia de direitos, no enfrentamento das questões sociais, na viabilização da qualidade de vida, na emancipação e na autonomia que muitos usuários de drogas acabam perdendo.

Compreende-se então a necessidade de um olhar ainda mais sensível sobre o tema, para que se possa analisar a vulnerabilidade a partir de tantas dimensões que o conceito abrange. Aqueles que são constantemente atingidos e inferiorizados por

determinada situação de sua vida se tornam expressivamente vulneráveis comparados a outros indivíduos que desconhecem sua realidade.

Assim, a conformação do conceito de vulnerabilidade sustenta-se nas implicações da objetivação do conceito de risco. O conceito de risco articula-se a marcadores, tais como comportamento e populações específicas. Essa estratégia individualiza certa condição de saúde/doença e a coloca na esteira de ações em termos de segurança e moralidade, ou seja, envolve formas de governabilidade das populações por meio de biopolíticas centradas em marcadores identitários. A objetivação da vulnerabilidade social desloca-se do campo da AIDS e da saúde exclusivamente e amplia-se para a esfera da vida social, juntando-se aos campos da educação, do trabalho, das políticas públicas em geral, na medida em que se refere às condições de vida e suportes sociais, e não à conduta, como marcava o conceito de risco. (GUARESCHI et al., 2007, P. 19)

Diante de tantas contradições e concepções, podemos perceber que prevalece no país a noção de poucos com muito e muitos com quase nada. Surgindo assim as vulnerabilidades, uma vez que as conjunturas do processo histórico brasileiro desencadearam uma série de consequências negativas, que só tendem a promover malefícios para os indivíduos. Com isso, as pessoas possuem realidades cada vez mais diferentes e desiguais.

O uso de drogas nessa perspectiva não só é determinado por diferentes motivos, mas apresenta também diversas manifestações e circunstâncias de uso, além de distintos padrões de usuários. Tal contexto significa que o que se denota por consumo pessoal de drogas é, na verdade, um fenômeno de várias conjunturas, com causas, com consequências e com circunstâncias poucas vezes homogêneas. A dessemelhança de situações em que se dá o uso de drogas deve ter como resposta igual diferença também de tratamentos dos indivíduos envolvidos, já que é possível identificar, na sociedade, os usuários que pouco sofrem abalos em sua autonomia e usuários que devido aos distúrbios fisiológicos e/ou psíquicos provocados pelas drogas encontram-se sem condições de realizar decisões e escolhas corretas para sua vida, estando em total situação de fragilidade e de risco. (NETO, 2013)

Torna-se necessário então compreender a noção de risco e de vulnerabilidade a partir dos diferentes significados que ela acumula, tendo como base os valores históricos e culturais referentes a diferenças de classe, de regiões e de grupos que estruturam e consolidam a sociedade. (PAULILO, 2000)

Hoje em dia, a ideia de possuir bens significativos, de ter o melhor, o mais caro, o que é mais bonito, ser reconhecido, ter uma boa aparência e um status social ganha cada vez mais relevância, gerando noções de vulnerabilidade, não só a vulnerabilidade como consequência do conflito de classes e da má distribuição de renda, mas considera-se também a vulnerabilidade a partir das novas configurações de sociedade e das novas representações atribuídas e cobradas ao indivíduo. Considera-se não só aqueles que são pobres economicamente, mas aqueles que possuem uma pobreza interior.

É esse conflito no interior do indivíduo, essa “privatização” ou exclusão de certas esferas de vida da interação social, e a associação delas com o medo socialmente instilado sob a forma de vergonha e embaraço, por exemplo, que levam o indivíduo a achar que, “dentro” de si, ele é algo que existe inteiramente só, sem relacionamento com os outros, e que só “depois” se relaciona com os outros “do lado de fora”. (ELIAS, 1994, P. 32)

Ao se sentir inferior comparado a outros, podem vir a ser gerados resultados de risco para esse indivíduo. Ele pode se tornar vulnerável a perigos sérios como o abuso de drogas. Essa ação pode ter início para fugir da realidade, para se sentir mais confiante, para poder dormir sem os pensamentos perturbados que o cercam, ou até mesmo para ser aceito entre aqueles que perante determinados grupos da sociedade são considerados como interessantes e divertidos.

Podemos entender então o uso das drogas como fator de instabilidade, de fragilidade e de destrutibilidade atribuído ao indivíduo a partir do uso abusivo de tais substâncias. A compreensão desse quadro deve se dar por todos aqueles que fazem parte dessa problemática, tais como, a família, o indivíduo, os profissionais que trabalham essa temática e, ainda, pelas políticas públicas e pela sociedade. A partir dessa consciência do perigo, da vulnerabilidade, todos em conjunto podem promover meios para modificar esse quadro negativo.

Em se tratando de jovens, então, essa vulnerabilidade ganha contornos inusitados e imprevistos, diante de seus comportamentos imaturos para a construção de escolhas conscientes. Falar sobre a juventude não é algo tão difícil. Muitas experiências e opiniões são encontradas socialmente desse período de vida do indivíduo, mas vale ressaltar que, nos últimos tempos, os jovens ganharam destaque no sentido de ser preciso um olhar atento e mais analítico. Ser jovem é algo natural, é o processo da vida que todos passam, porém, as dimensões que envolvem a juventude nem sempre são evidenciadas e discutidas. O tema não é novo, mas devemos admitir que é complexo e

delicado. Os jovens demandam uma atenção maior, uma análise mais detalhada perante os perigos que envolvem esse período.

Juventude é desses termos que parecem óbvios, dessas palavras que se explicam por elas mesmas e assunto a respeito do qual todo mundo tem algo a dizer, normalmente reclamações indignadas ou esperanças entusiasmadas. Afinal, todos nós somos ou fomos jovens (há mais ou menos tempo), convivemos com jovens em relações mais ou menos próximas, e nas últimas décadas eles têm sido tema de alta exposição nos diferentes tipos de mídia que atravessam nosso cotidiano. (ABRAMO, 2005, P. 37)

Essa fase da vida é abertamente comentada, muito há o que se falar, mas por vezes o entendimento necessário para a compreensão desse período não se dá em sua plenitude, até mesmo entre a própria juventude. Os jovens não costumam refletir sobre o depois, o amanhã e considerá-lo; preferem viver de forma intensa sem mensurar as consequências de seus atos.

Dos séculos XVIII e XIX em diante, a juventude passa a ser vista como uma etapa da vida que os indivíduos apresentariam uma maneira própria de ver, de sentir e de reagir, sendo essas as características específicas dos jovens. A partir desse momento, a juventude passa a ser percebida como um período específico da vida, onde se desfruta de certos privilégios e de regalias. Um período entre a maturidade biológica e social. Compreende-se esse período como uma transição, durante o qual o indivíduo deve se preparar para a vida adulta, sendo consentido o tempo livre, o descompromisso, o não-trabalho. Cabendo a esses jovens apenas o estudo e o preparo para uma profissão. (CASSAB, 2011)

A partir desse período citado, a juventude ganha destaque como um período que requer atenção. Por haver liberdades que não possuíam na adolescência e por ainda não terem os compromissos de adultos, os jovens acabam se perdendo, optando por caminhos equivocados. Desde então a juventude se encontra em lócus de debates e discussões em prol de uma solução que abarque com efetividade as inúmeras problemáticas impostas nessa idade.

A maturidade e as escolhas estão nesse estágio da vida, sendo aprimoradas a todo o momento. Há a transição entre a vida sem compromissos e a vida adulta. Para alguns representa a necessidade de conseguir meios de prosseguir e de escolher uma profissão. Por estarem na transição para a vida responsável, muitos captam esse compromisso e essa responsabilidade de prover seu próprio sustento, mas não avaliam

na plenitude os riscos a que estão expostos nessa fase de vida. Dessa forma, a família, o Estado, a sociedade e nesse caso a universidade possuem o desafio de levarem esses jovens à noção de que toda ação tem uma reação e ela pode se dar de forma prejudicial.

A maturidade não desenvolvida desfavorece o processo de construção de uma ideologia sábia para lidar com as questões a ele apresentadas. Os impasses presentes na universidade não são frutos apenas da atualidade, há uma bagagem de desconstrução do que representa a juventude positiva.

Sem configurar claramente um momento ritualizado de passagem, o período da adolescência, ou juventude, em nossa sociedade não corresponde a nenhum lugar definido. Na ausência de rituais que instituem esse momento como uma preparação para uma nova posição social, legitimando o estado de liminaridade e de transição, o jovem vive seu lugar como o da contestação, como um “outro” lado, em contraposição ao mundo adulto. Ele é uma não-mais-criança e um não adulto e frequentemente, considerado um problema para o mundo adulto, o “aborrecente”. Em contraposição a essa ideia, a proposta de desenvolver o “protagonismo juvenil” nos programas para jovens aponta para a importância de pensá-los como agentes de soluções para seus próprios problemas. Pode-se supor, então, que no lugar designado para o jovem/adolescente há uma projeção do mundo adulto, em sentidos distintos. Em primeiro lugar, como objeto das expectativas familiares, os jovens têm os rumos de suas vidas traçados por seus pais de forma a cumprir o que a família espera para si. (SARTI, 2004, P. 124)

Podemos compreender a juventude como uma etapa que ocorre espontaneamente na vida do indivíduo, sem que se estabeleça como um marco específico. Os adolescentes/jovens representam, sobretudo, aqueles que ainda não se encontram na vida adulta, entretanto, não mais tão inocentes como na infância.

E, ainda mais, a juventude é considerada como sendo um preparo para a vida adulta. A própria família exerce sobre o adolescente papel importante na perspectiva de quem ele se tornará amanhã e como suas ações nortearão seu futuro, decidindo muitas vezes o rumo que o jovem deve seguir, podendo gerar confusões, frustrações e vários conflitos. Ao escolher seu caminho profissional, o jovem deve ter uma consciência pré-determinada por ele mesmo de quem deseja ser. Por mais que existam equívocos, é importante que surja do jovem o interesse em construir sua própria vida adulta, norteadas suas ações, mesmo que com o suporte da família, mas por si só atribuir ao jovem um estímulo de protagonizar sua própria trajetória, passando a ser apto a decidir e a resolver seus dilemas, rompendo com a ideologia de caracterizar a juventude como uma fase da vida problemática, contraditória e irresponsável.

E embora não exista exatamente um rito de passagem da adolescência para a juventude, e da juventude para a vida adulta, o Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013) estabelece em seu Art. 1º, § 1º: que são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.

A recusa de ver que na realidade o tempo avançou, conduz os pais a ignorar que seus filhos não estão mais na infância, que esse período agora é apenas uma lembrança, que, na verdade, já são indomáveis adolescentes, audaciosos jovens e estão na idade dos perigos mal calculados. (CHARBONNEAU, 1974)

Alguns pais não dimensionam os riscos que os filhos já na juventude estão propícios a vivenciar. Determinadas famílias sentem dificuldades em encarar a realidade na qual não tem mais as rédeas para controlá-los. Os jovens, agora não mais crianças, devem assumir suas próprias escolhas. Não é só importante a atenção dos pais, cabe também a esse jovem compreender que sua realidade no momento já é outra, que ele responde por si e suas ações terão sim reações positivas ou negativas. Esse jovem deve dimensionar o peso do “sim” e do “não”, a maturidade que lhe é necessária nessa nova fase da vida.

A noção de condição juvenil remete, em primeiro lugar, a uma etapa do ciclo de vida, de ligação (transição, diz a noção clássica) entre a infância, tempo da primeira fase de desenvolvimento corporal (físico, emocional e intelectual) e da primeira socialização, de quase total dependência e necessidade de proteção, para a idade adulta, em tese a do ápice do desenvolvimento e de plena cidadania, que diz respeito, principalmente, a se tornar capaz de exercer as dimensões de produção (sustentar a si próprio e a outros), reprodução (gerar e cuidar dos filhos) e participação (nas decisões, deveres e direitos que regulam a sociedade). (ABRAMO, 2005, P. 40)

O jovem verdadeiramente não possui o amadurecimento que a vida adulta exige, encontra-se justamente na passagem da adolescência para então adulto, aprendendo a lidar com suas frustrações, tendo que avaliar corretamente as escolhas do dia a dia. Assim se encontra o jovem, em processo de descobertas, responsável por suas decisões, sem o suporte diário de suas famílias. As escolhas corretas e a administração positiva de sua liberdade o fazem adulto; suas responsabilidades constroem o indivíduo que esse jovem será no futuro, as obrigações do mundo adulto requer uma maturidade consciente.

Esse período na vida do indivíduo corresponde a uma trajetória de opções e dúvidas, cabe ao jovem, então, a decisão de qual caminho percorrer, com um peso

maior, quando não estão próximos do convívio familiar para orientá-los. É o momento de zelar por si próprio, de avaliar bem suas escolhas, de ter uma consciência bem desenvolvida, com uma maturidade plena para saber dizer não em momentos que o cabem e realizar ações que lhe trarão bons frutos. “Pode parecer que não, mas existem enormes dificuldades relacionadas com a passagem para a vida adulta, mesmo para aqueles que desde pequeno foram educados para o dever e responsabilidade.” (GIKOVATE, 1997, P. 22)

Conforme surgem os compromissos e responsabilidades, o jovem constrói sua maturidade para se tornar um então adulto. Porém, o que não fica tão esclarecido assim são as implicações que essa transição desencadeia. Por mais que tenha sido trabalhado junto a sua família como seria a vida adulta, viver de fato como um adulto é muito mais sério e comprometedor do que parece. O início do ensino superior na universidade em sua maioria se dá com o indivíduo na juventude e sua conclusão com ele mais maduro e começando a viver como um adulto de fato, guiando suas ações com seriedade e sensatez.

Na educação do jovem, há sempre um momento no qual é preciso entregar-lhe a liberdade, por mais que exista risco evidente. Essa é uma das renúncias mais duras e difíceis impostas aos pais, mas de suma importância. É quando desperta a hora do perigo, depois de refletido, não resta outra opção a não ser munir-se de coragem e deixar que esse jovem caminhe sozinho. É impossível para os pais proteger eternamente os filhos como se eles fossem incapazes de cuidar de si mesmos. (CHARBONNEAU, 1974)

Essa é uma decisão difícil, porém necessária para muitos responsáveis pelo adolescente que está em fase de amadurecimento. Os pais não podem estar sempre próximos aos seus filhos para orientá-los sobre tudo e todos. Esses cuidados vão deixando de ser tão presentes ao processo de desenvolvimento do adolescente para a vida adulta, e, por conseguinte, os pais não podem impedir que seus filhos conheçam as drogas. Por mais que queiram cuidar, salvar de tudo que há de ruim no mundo, essa função é praticamente impossível à família. Por isso a importância da construção de uma consciência e de uma maturidade sólida, que saiba responder por si de forma prudente e segura.

Os jovens caracterizam-se precisamente pela busca de outros referenciais para a construção de sua identidade fora da família, como

parte de seu processo de individualização, perante o mundo familiar e social. Necessitam falar de si no plural, recriando “famílias” (como construção de “nós”) fora de seu âmbito familiar de origem, através dos vários grupos de pares (peer groups), seja em torno de música (rock, rap), de outras atividades culturais, esportivas ou de outras formas de expressão dos jovens no espaço público. (SARTI, 2004, P. 123)

Torna-se importante alertar sobre como as relações extrafamiliares interferem expressivamente na vida do jovem, sendo demandada uma postura mais consciente para guiar seus passos. Os jovens de fato visam diferentes pontos de vista e opiniões expressivas para dar sustentação a quem ele realmente quer ser externamente para a sua família.

Destacaremos aqui, o nosso interesse particular pelo tema proposto nesse trabalho, que é a análise sobre os jovens que já estão inseridos em universidades, principalmente, aqueles cujos locais de estudo estão em outras cidades, fazendo com que os mesmos venham a morar sozinhos. Os jovens acadêmicos, em especial, acabam construindo novas representações de família a partir de grupos de amigos, onde os laços são fortalecidos diariamente. Aqueles que romperam com seu núcleo familiar primário para dar início à graduação se aproximam e se apegam aos amigos como sendo o seu novo núcleo afetivo e também com princípios e ações a serem compartilhados e desejados. Eis que aí mora o perigo e o porquê de se tornar importante não só observar mais de perto as relações escolhidas pelo jovem, como também com quem ele se relaciona e quais são seus gostos. Tais ações podem dizer muito sobre como se estabelecerá seu presente e futuro.

Muitas obras desenvolvidas acerca do tema juventude tem como objetivo alertar para os deslizos, os encobertamentos, as disparidades, as diversidades e as utopias que o conceito engloba. (ABRAMO, 2005)

É importante pensar por que existe a ligação entre o jovem e o erro. Não é incomum que ao pensar na juventude a mente remeta a situações de irresponsabilidade, a equívocos e a falhas. A universidade é um local propício a deslizos, uma vez que grande parte desses jovens passa a viver longe de seus familiares e responde por suas próprias ações e escolhas. Por se encontrar em transição para a vida adulta, ainda na juventude é preciso de um orientador que possa observar e guiar mais de perto a conduta desse jovem. A própria instituição ao impor regras, já determina certo controle e direção a esse jovem que até então não era guiado por compromissos e por

responsabilidades. Os deslizes cometidos na juventude podem desencadear uma série de consequências graves.

Se a infância era um jogo treino, a partir da adolescência o jogo vale pelo campeonato! Quem perder, perdeu. Não terá sempre uma segunda ou terceira chance, que é como parecem ser as coisas quando somos crianças. Um outro ingrediente, além desse aspecto prático que faz o jogo virar sério, tem a ver com a vaidade, com a vontade que temos de nos destacar, de chamar a atenção e de ser olhados com admiração. (GIKOVATE, 1997, P. 23)

Muitas obrigações passam a fazer parte do dia a dia desse indivíduo, sem que ele possa se preparar e aprender como agir diante delas. Dentre as consequências diretas dessa liberdade de escolha, podemos apontar a proximidade das drogas no contexto coletivo. Assim, a droga na vida dos jovens é uma decisão que, embora existam tratamentos, uma vez experimentada o efeito provocado é definitivo. Nessa escolha, falta justamente essa maturidade, o saber agir diante da liberdade e das várias alternativas de caminhos a se seguir. O jovem focaliza em ser o melhor, mais popular e querido e esquece de ser quem realmente deveria, aquele que sempre quis e desejou ser. Recusamo-nos a acreditar que alguém, quando mais novo, sonhe em se tornar um usuário de determinada substância, tal situação é uma casualidade provocada por escolhas erradas.

Não seria difícil enumerar uma série de circunstâncias onde escolher é decidir para sempre. Quando ainda se tem pouca idade, quando a experiência não existe, quando as ilusões são constantes, quando os critérios disponíveis são vacilantes, quando todos esses fatores criam certa cegueira, é crucial encontrar no caminho educadores que saibam indicar o que significa, a longo prazo, esta ou aquela opção. (CHARBONNEAU, 1974)

Muitos jovens não possuem a bagagem necessária para distinguir o certo e o errado, o que lhe fará bem e que provocará danos para a sua vida. A escolha pelo uso de drogas de fato marca a existência desse jovem; passa então a existir a vida antes e após o contato com essas substâncias, dificilmente, esse contato se torna algo isolado. Os danos que podem ser desencadeados são diversos, interferindo não somente na vida pessoal e social, mas também em sua vida acadêmica em especial. Por isso se torna decisivo encontrar em seu caminho educadores que esclareçam suas possíveis escolhas.

A juventude passa a ser relacionada a um período de emoções fortes e violentas, agressividade, instabilidade emocional e curiosidade sexual inconsequente. Essa representação da juventude como um todo, justifica as estratégias de controle sobre os jovens. Anteriormente, os filhos de operários eram controlados, em grande medida, pelo trabalho e pela polícia; já os filhos de burgueses eram controlados e vigiados pelas instituições de ensino. (CASSAB, 2011)

Boa parte dos jovens acadêmicos faz parte da classe trabalhadora, muitos dependem da bolsa de apoio estudantil e mais algum auxílio extra para se manter. Em suma, a sociedade tende a discriminar o jovem que possui um poder aquisitivo inferior aos demais. Ficam tachados como jovens “vagabundos”, “à toa”, que até o momento de se efetivarem em determinada função, são questionados sobre o que são capazes. A partir disso, diante do processo histórico, observamos que aqueles que possuíam uma condição de vida elevada, podiam ser disciplinados pelas escolas, universidades e instituições de ensino em geral. Já os jovens que fazem parte da classe operária, trabalhadora, tudo sempre foi mais difícil. Seu condutor de limites se dava no trabalho ou pelas autoridades, cabendo a esse jovem a busca da quebra do paradigma de que o jovem trabalhador representa algum risco social. É necessário que a instituição de ensino não só o represente e atue impondo limites necessários, como também ofereça saberes que guiarão o caráter e a consciência do indivíduo.

É fundamental destacar também o papel dos meios de comunicação, principalmente, o da televisão e o da publicidade, no sentido de criar referências de identidade para os jovens, os quais a família não pode ignorar dada a exposição de todos os segmentos sociais e suas mensagens. (SARTI, 2004)

A mídia e a propaganda exercem extrema posição de domínio sobre os jovens. E mesmo havendo a conscientização a respeito disso, o que vemos diariamente é que pouco é relevado a partir dessa constatação. O mercado cada vez mais introduz seus interesses sem se importar com os resultados que podem ser gerados a partir deles. A família deve ficar atenta a esses novos modos de expressividade sobre os jovens, eles tendem a nortear e muito os jovens que se encontram perdidos. Ao elegerem figuras (pessoas, personalidades) que querem seguir, transformam-se em quem eram para quem querem ser.

Nesse baile de máscaras, onde o indivíduo troca de identidade como quem troca de roupa, transitando facilmente entre a imensa gama de

opções identitárias existentes, a mídia passa a ser um espaço – se não o primordial – em que diversos modelos de sujeitos e de posicionamento são ofertados às pessoas. (NÓBREGA, 2010, P. 96)

O indivíduo pode sofrer uma rotatividade de personalidade, perpassando por diferentes opiniões, caminhos e escolhas. A juventude possui essa característica inconstante, incerta, em que por ser vulnerável, muitas vezes deixa de seguir o que acreditava ser correto e adequado para si e passa a se basear nas ideologias do outro. A mídia e a propaganda em geral possuem o costume de introduzir figuras, ídolos a serem copiados. Por existirem várias personalidades nesse meio, o jovem que já se encontra em constante conflito passa a enfrentar mais um: qual perfil se adequa melhor a quem ele quer ser. A escolha desse perfil ditará suas ações e por consequência como serão suas relações e no caso dos jovens alunos também como será sua trajetória acadêmica.

Há vários princípios e padrões apresentados aos jovens e nem sempre são oferecidos a eles de forma clara, como realmente é. Alguns perfis a princípio são muito interessantes e divertidos, porém escondem outro lado, não revelam as problemáticas e os malefícios por trás das escolhas tomadas na construção de tal identidade, eis que mora o perigo para a juventude.

(...) hoje o alerta inicial é o de que precisamos falar de juventudes, no plural, e não juventude, no singular, para não esquecer as diferenças e desigualdades que atravessam esta condição. Esta mudança de alerta revela uma transformação importante na própria noção social: a juventude, mesmo que não explicitamente, é reconhecida como condição válida, que faz sentido, para todos os grupos sociais, embora apoiada sobre situações e significações diferentes. (ABRAMO, 2005, P. 43)

Não sealaria então da juventude e sim das juventudes, já que a mesma se dá de inúmeros modos. E por mais que seja desempenhada de formas diferentes, ela possui seu valor central independente dessas expressões. Havendo também a importância de considerar tais expressões uma vez que ela diz muito sobre cada jovem.

Enquanto categoria social, a juventude é constantemente desenvolvida, construída e reconstruída no próprio movimento da sociedade, diferenciando-se em seu espaço e tempo. (CASSAB, 2011)

A juventude em si vai se adequando ao cenário que a cerca e se adapta e se altera de acordo com as implicações que a envolvem, seguindo as esferas que se dão constantemente. A juventude, hoje, em especial os jovens acadêmicos se acostumaram a entrelaçar os estudos e as cobranças estudantis com as famosas festas “chopadas”

universitárias. Não há estranhamentos ao se afirmar que determinado curso realizará festas com álcool em abundância e sem uma vigia no sentido de uma segurança mais rigorosa. Tal ação possibilita o abuso de bebidas alcoólicas e o contato com substâncias ilícitas por parte desses alunos. A conjuntura atual desfavorece os valores familiares e a importância dos estudos e promove os bares, as boates, as marcas famosas, etc., elementos que seduzem e iludem esses jovens. Na busca por diversão, eles se perdem no discernimento da diversão saudável e da diversão depreciativa. Várias conjunturas passam a fazer parte da vida desse jovem e o que muitos desejam é esquecer tantos compromissos.

Lá pelos 16 ou 17 anos de idade começa a surgir uma outra preocupação, vivida de modo intenso: dentro de poucos anos, o indivíduo terá de ser capaz de se sustentar, caso contrário, poderá até passar fome! (GIKOVATE, 1997, P. 23)

Logo ao final da adolescência é atribuído a esse indivíduo o compromisso de prover seu próprio sustento. Eis a pressão da escolha da profissão, da instituição de ensino a ser inserido e ocupações que lhe trarão bons frutos futuramente. Essas questões geralmente são colocadas e cobradas pela própria família, fazendo com que o jovem que não tem certeza de suas escolhas se perca, e se encontre desorientado. Mesmo que esteja inserido na universidade, a garantia que será bem-sucedido não ocorre. Uma nota baixa, ou estranheza/frustração com o curso escolhido podem nortear o jovem para distrações que podem lhe oferecer danos acadêmicos e sociais.

Estudos recentes têm sido desenvolvidos sobre as formas de transição para a vida adulta e responsável, cuja finalização abrange os seguintes marcos: deixar a escola; começar a trabalhar; sair da família de origem, casar e formar um novo lar (e ter filhos). (ABRAMO, 2005)

Esse processo de ações que requer uma maturidade pode exercer sobre o jovem a sensação de pressão, causando possíveis confusões e desordenamento de sua vida social e acadêmica. As drogas ao emitir para muitos a ideia de divertimento, de relaxamento e de escape, podem facilmente seduzir esse jovem para um caminho autodestrutivo, dessa forma não se pode deixar a juventude completamente sem limites e sem orientações.

Não se atira um jovem nos caminhos da liberdade deixando-o galopar à vontade. Existe a permissividade amalucada, que não passa do abandono por parte dos educadores, que leva o adolescente para o abismo, em vez de o estimular a atingir os píncaros. A liberdade não é uma gula diante de tudo que aparece, e é importante ensinar a arte de

escolher com toda a lucidez, entre as diferentes opções que se apresentam. Sem esse esclarecimento, que delimitará claramente os objetos que têm possibilidade de serem eleitos, os jovens não se tornarão homens livres, mas glutões sem perspicácia que se limitarão a querer sem saber escolher. (CHARBONNEAU, 1974, P. 184)

A liberdade enquanto algo novo e facilmente desfrutável por parte daqueles que estão na fase de construção da sua identidade, pode ser depreciativa, cabendo então aos adultos responsáveis por esses jovens promover o direcionamento necessário para realizar suas escolhas. É possível observar que muitos jovens alunos vivenciam essa liberdade imediata sem limites. Muitos deles se perdem em suas escolhas por não estarem adaptados a essa realidade liberal, contando apenas com suas próprias decisões, sem ter quem possa guiá-los diariamente. Por isso é tão importante que esse jovem por mais que esteja longe de seu convívio familiar, traga e coloque em prática todos os ensinamentos e direções repassados por seus responsáveis, além de absorver os ensinamentos positivos daqueles que o cercam agora, para que assim construa corretamente sua consciência e sua imagem.

À medida que se desenvolve como indivíduo, a identidade do jovem deixa de ser algo dado com o nascimento e passa a ser conceituada como algo que está em constante construção e transformação. Não se trata mais de uma coisa imposta, mas resultado e produto de escolhas. (NÓBREGA, 2010)

Podemos compreender a identidade como sendo um processo de construção ao longo da vida, com maior intensidade na juventude, mas que não necessariamente possui um fim. É um processo de apreensão do próprio ser, representando o crescimento individual e coletivo que pertence ao indivíduo em todos os momentos de sua vida.

A identidade não pode ser atribuída a ninguém, embora precise de outros sujeitos para ser estabelecida de forma plena. É fruto de decisões e de percepções do próprio jovem. Por mais que opte por caminhos indicados por aqueles em quem confia, as ações praticadas nessa trajetória construirão quem esse jovem deseja ser hoje e futuramente. O processo de estruturação da identidade permanece constantemente, mas a juventude é o marco nesse processo, por representar a etapa da vida quando é preciso andar com as próprias pernas, quando não se é mais uma criança dependente total do outro. A construção se dá constantemente por estarmos em uma sociedade inconstante, que se depara com diferentes questões que surgem diariamente e que demandam posturas específicas e conscientes, para que assim não corrompam o indivíduo.

A identidade pode ser entendida como um processo a ser construído a partir das experiências individuais e coletivas e do desenvolvimento psicológico e social. Estabelece-se e se consolida com base nessas duas dimensões, sendo impossível ser construída a partir de apenas uma. Ninguém se desenvolve e amadurece sozinho, ou apenas se baseando no outro. É preciso o equilíbrio, o aprendizado e a dosagem correta para a formação da identidade moral do indivíduo. O amadurecimento, que é um fator essencial para a juventude, é determinado com o crescimento particular e comunitário, de forma que os jovens quando se relacionarem obtenham aprendizagens sobre suas relações e saibam administrar suas decisões e seus conflitos pessoais. Quando o jovem se considera responsável, consciente, com caráter definido e independente dos outros, ele passa a fazer parte da vida adulta que demanda um amadurecimento pleno. (LINS, 2009)

É, pois, durante a adolescência que a tarefa de construção da identidade adquire maior relevo. A necessidade de se descobrir a si próprio, por oposição ou identificação com o meio familiar e com o grupo de amigos ou colegas da escola, provoca no adolescente situações de conflito em que a tomada de decisões se torna mais ou menos imperativa. (AMANTE et al., 2014, P. 27)

Na adolescência/juventude, há essa necessidade de se encontrar e de se identificar com seu eu e perante a sociedade. Essa identificação pode estar em consonância não só com os valores e com os ideais passados pelo seu núcleo familiar, mas também com seus amigos, ou ser uma identidade incomum a sua rede de relacionamentos. Muitos jovens passam por esse período vivenciando constantes questionamentos e conflitos, desejando estabelecer um perfil que o represente e que reproduza suas ideias e escolhas. Sendo assim, suas decisões passam a ter um peso muito maior que na infância. Agora ele responde por suas ações que geram consequências individuais e sociais e que irão retratar quem é esse jovem.

Alguns pais acreditam que podem subitamente soltar os filhos, atirando-os às plagas ilimitadas da liberdade. A seguir ficam surpresos de que eles se tornem escombros! Como poderia ser de outro modo, se quando precisavam de leme sólido para navegar pela vida, este foi-lhes retirado deixando-os como um barquinho ao léu no oceano encapelado? Só aos poucos devem ser abertas as velas, para que o barco não soçobre. (CHARBONNEAU, 1974, P. 185)

A liberdade não pode ser proporcionada aos jovens repentinamente em sua totalidade. Dessa forma, o jovem pode claramente ficar perdido e realizar escolhas erradas que irão interferir diretamente e negativamente na sua identidade, resultando

muitas vezes no aprofundamento no mundo das drogas. Nessa fase da vida é de suma importância estar próximo àqueles que podem dar bons discernimentos, que podem conduzi-lo para direções positivas, saudáveis e seguras para si mesmo. É essencial abrir os olhos daqueles jovens que já se deixaram corromper com as utopias que englobam o mundo das drogas.

A maturação psicológica está diretamente ligada ao tipo de indivíduo que o jovem irá se tornar, passando a ser a sua identidade moral. A maturidade é estabelecida até o momento necessário para que o jovem, futuro adulto, adquira um amadurecimento e identidade ética e moral. Não dá para discutir o amadurecimento, a maturidade ética, sem abordar a formação da identidade, a maturidade moral, sendo ela resultado das escolhas feitas pelo indivíduo, pela sua capacidade de discernimento do certo e do errado. (LINS, 2009)

A pós-modernidade trouxe a ideologia do status, a valorização cada vez mais forte da opinião do outro, as pessoas passam a se preocupar cada vez mais com o que vão pensar dele, como a sua identidade irá expressar quem ele é socialmente. A identidade é estabelecida em torno do lazer, da aparência, da imagem e do consumo, tornando os laços que a delimitavam cada vez mais frágeis. (NÓBREGA, 2010)

Seguindo esse raciocínio, muitos se perdem, prestigiam mais a aparência e se esquecem da essência que é muito mais construtiva e importante. O divertimento, a autoimagem e os bens de consumo ditam as regras de definição do indivíduo, corrompendo-o gradativamente com valores fúteis e ilusórios. A juventude se deixa envolver facilmente por esses segmentos e não diferente de outros produtos, as drogas funcionam como uma mercadoria que atribui prestígio e valor entre os que as usam e as apreciam, sendo um perigo por transmitir a ideia de popularidade a quem faz uso delas. Popularidade que entre a juventude é fator crucial, muitos norteiam suas escolhas na busca desse status que não é significativamente construtivo. Os jovens convivem constantemente com situações novas e com diversas possibilidades que demandam dele posturas maduras em prol de sua identidade ética e moral.

A novidade das coisas substitui os elementos efêmeros de ontem e cria hoje situações novas. Todos os dias ou quase todos, os jovens enfrentam circunstâncias imprevistas que deles exigem invenção psicológica e moral. (...) Precisam inventar o comportamento e improvisar a vida. Precisam de repente decidir pró ou contra alguma coisa, pró ou contra alguém que ainda ontem não existia. Essas decisões são às vezes capitais, muitas vezes irrevogáveis. Por isso

precisam estar aptos a usar a liberdade com critério e certeza.
(CHARBONNEAU, 1974, P. 182)

Os jovens devem ter uma consciência bem construída e hábil, tomar decisões corretas e saudáveis para si mesmos. Na maioria das vezes não há tempo para pensar muito, pesquisar e construir uma opinião sobre o que lhe está sendo apresentado. O jovem de imediato deve responder e tomar determinadas decisões que irão interferir em sua vida. Não distante dessa realidade está o mundo das drogas onde frequentemente há aquele amigo/conhecido que lhe possa oferecer, ou há até mesmo, o momento, o local e a situação que facilita o contato com essas substâncias, demandando maturidade desse jovem para que ele não entre em conflito com seus princípios. Por se tratar de um período na vida do indivíduo em que ele se encontra vulnerável às influências de terceiros, é comum encontrar entre os jovens uma alternância de identidades.

A crise de identidade acarreta consigo um período de confusão em que o adolescente vai estabelecendo uma série de identidades provisórias ao contactar com os diferentes grupos e os valores por eles veiculados, até ser portador do seu “eu” definitivo. A formação da identidade recebe a influência de fatores intrapessoais - capacidades inatas do indivíduo e características adquiridas da personalidade, de fatores interpessoais – identificação com outros - e de fatores culturais – valores sociais a que o sujeito é exposto quer globalmente quer na comunidade em que está inserido. Assim, é um processo que se desenrola dentro da esfera das relações sociais onde o adolescente deve compreender quem é, a sua singularidade e o seu papel na sociedade. (AMANTE et al., 2014, P. 27)

Os jovens mudam de opinião sem grandes dificuldades e por consequência suas ações e escolhas são alteradas também. Suas relações e diferentes expressões da realidade conduzem o jovem a diferentes formas de identidade, até que se obtenha a sua identidade concreta, real, quem verdadeiramente o jovem escolheu ser, quem ele constituiu ao longo de suas experiências e escolhas. Essas influências podem se dar no âmbito individual, no perfil e no caráter dos relacionamentos e na convivência, ou nos fatores que estão presentes na realidade do indivíduo como um todo, nos fatores globais que ajudam a moldar esse jovem. Com essas dimensões, cabe ao jovem construir a sua imagem em particular, escolher quais elementos irão compor a sua identidade, o seu eu consciente, responsável e maduro.

Não há dúvidas de que a formação da identidade é um dos problemas educacionais, sobretudo quando se compreende que nenhum indivíduo nasce com a

própria identidade definida. A construção da consciência, o conhecer a si mesmo é uma tarefa complexa e difícil que exige a cooperação de muitas pessoas. (LINS, 2009)

A construção da identidade, a transição da imaturidade para a maturidade bem desenvolvida não se dá de forma natural, biológica, sem a cooperação daqueles que rodeiam o indivíduo. Pelo contrário, só é possível a produção do homem enquanto adulto consciente com a participação daqueles que fazem parte de seu cotidiano. As políticas públicas, os familiares e os profissionais voltados para essa área de atuação possuem a responsabilidade de participação positiva nesse processo, combatendo qualquer meio que possa desvirtuar o jovem em seu processo de desenvolvimento. O modo como eles coordenarão e colaborarão, para a construção da identidade do então jovem imaturo, conta e muito para o adulto que ele será futuramente.

Não podemos deixar os jovens semear ventos negativos, para que não colham a seguir tempestades que os destruirão. É muito agradável e bonito ser livre, porém só se pode e deve sê-lo seguindo certo ritmo. (CHARBONNEAU, 1974)

Não se pode deixar que os jovens vivam por viver, sem que se construam algo maior, algo que seja bom para si e para a sociedade, caso contrário, o que lhe será ofertado foge a bons frutos. Há a necessidade daqueles que envolvem a juventude para fornecer meios para alterar essa liberdade abusiva que corrompe os jovens. As festas, famosas “chopadas universitárias”, proporcionam meios que confundem e desviam do ritmo correto para se viver de forma sadia e construir uma identidade positiva; nelas facilmente os jovens podem estar em contato com momentos reprováveis e ilícitos, causando perturbações para si mesmo.

Há fatores que contribuem para a confusão na identidade, tais como a perda dos laços familiares, fraca ligação ao grupo de amigos, e experiências de insucesso no processo de separação emocional entre o jovem e as figuras parentais. (...) O outro é indispensável neste processo de construção e de assunção da identidade – o outro é a alteridade. Assim sendo, a formação da identidade pessoal implica necessariamente a formação da identidade social. O jovem vai dando conta que pertence a uma sociedade e por essa razão tem de gerir equilibradamente a sua identidade pessoal – a sua diferença – e os modelos sociais e culturais da sociedade em que está inserido. (AMANTE et al., 2014, P. 27)

A juventude em si carece de um suporte daqueles que possam direcioná-lo para as escolhas positivas e construtivas. No processo de desenvolvimento da identidade, esses sujeitos que guiarão o jovem exercem um papel de extrema importância e

necessidade. Eles representam as diversas particularidades que compõem um indivíduo, a dimensão do que é distinto contribui para o processo de construção da identidade.

Quando se encontram desamparados, sem o auxílio que possa apontar quais caminhos seguir, o jovem por não possuir uma consciência plena e madura corre o risco de se perder e optar por decisões errôneas que compõem o seu eu, a sua identidade e quem o jovem representará quando adulto. Por isso, se torna tão essencial ressaltar o valor do núcleo familiar, dos amigos, dos profissionais e da sociedade em geral, além de compreender as novas configurações que englobam o conceito da família.

Podemos observar que existe uma radical mudança na composição familiar, nas relações de parentesco e na representação de tais relações na família. Tal representação tem seu fundamento direto na transformação da configuração familiar e também nas relações sociais, ocasionando impacto profundo na construção da identidade de cada componente no interior da família. Essa construção da identidade irá rebater nas relações sociais ampliadas, não somente no seio familiar. Nesse contexto encontramos a “nova família”, que se caracteriza pelas diferentes formas de organização, relação e em um cotidiano marcado pela busca do novo. Os arranjos diferenciados podem ser propostos de diversas formas, renovando conceitos preestabelecidos, redefinindo os papéis de cada membro do grupo familiar. (OLIVEIRA, 2009, P. 67)

A ruptura desses vínculos ganha magnitude durante a juventude, o amparo daqueles que possuem importância para os jovens é fator crucial na construção de uma identidade ética e moral, respaldada em valores positivos e fundamentais para vida adulta. Aos poucos o jovem passa a ter a consciência e a dimensão do coletivo e do social, e compreende que sua identidade deve se encaixar a essa realidade.

A Educação é um processo de aperfeiçoamento de cada ser humano, de modo que passe de um estado menos acabado para estados cada vez mais sofisticados em sua totalidade. Por isso a Educação interfere no desenvolvimento geral do indivíduo, favorecendo sua escalada a níveis mais altos, demonstrando cada vez maior capacidade. Na medida em que prossegue, o ser humano se observa como uma pessoa que ultrapassa fronteiras, estabelece novas metas e continua sempre em frente, rumo a novas e melhores formas. Isto tudo porque o ser humano é rico em possibilidades e passa do potencial para o ato, criando e transformando o mundo a sua volta. A Educação é o processo que lhe permite um desempenho melhor porque esta é uma demonstração de alguém que se torna cada vez melhor. (LINS, 2009, P. 642)

Através da educação, a construção da identidade se torna mais plena e mais completa. Por meio do processo educacional, o indivíduo passa a ganhar consciência e a saber lidar com as diferentes dimensões e compreensões da vida. As instituições

educacionais que o representam, possuem tanta força sobre o indivíduo, junto a família, a escola/universidade que conseguem moldar aos poucos o caráter daqueles que são os alvos delas. Os jovens aos poucos adquirem sabedorias que são trabalhadas para serem praticadas e repassadas e jamais ignoradas. Aquele que passa por uma instituição de ensino com qualquer outro propósito que não seja aprender e crescer faz uso errado desse recurso tão rico de conhecimentos e de experiências edificantes. Os jovens acadêmicos que utilizam o espaço institucional para fins ilícitos que não condizem com a construção de seu ser estão desperdiçando a oportunidade de agregar valores importantíssimos para sua vida social, acadêmica e profissional.

O novo modelo de sociedade, com diversas problemáticas, exige a educação da liberdade para os adolescentes/jovens. É importante frisar que há no homem algo eterno, não transitório, transcendente. Ignorar esses valores que com o tempo acabam se perdendo, deve ser motivo constante de preocupação. (CHARBONNEAU, 1974)

A partir da ideia do amanhã é possível salientar que a escolha do uso de drogas ignora essa ideologia de que o amanhã não se faz importante, apenas o hoje e o agora é válido. Mais importante que construir um futuro sadio é satisfazer suas vontades, curiosidades e desejos de pertencimento a determinados grupos. O alerta a esses jovens deve ocorrer a todo o momento não só pela família e autoridades, mas por toda sociedade.

Os jovens acadêmicos recém-chegados a um novo território, em processo de adaptação, podem cair no conto de que ao usar determinada substância o poder de interação e aceitação seja maior. A juventude em si considera muito a opinião daqueles que o cercam, sem que exista uma análise, um estudo e um entendimento sobre o que lhe está sendo apresentado.

Em toda parte, indivíduos cada vez mais jovens estão experimentando drogas e passando a dedicar-se ao seu consumo. (...) Talvez o fator mais aterrorizante relativo ao uso de drogas entre os muito jovens seja não terem eles capacidade de discriminação entre os diversos agentes existentes. Embora a maconha e as pílulas sejam as mais populares, muitos usam qualquer coisa, inclusive heroína, desde que haja a ideia de intoxicação. (LOURIA, 1972, P. 20-21)

A faixa etária para o uso de drogas tende a cair cada vez mais e se torna importante saber o tipo de droga que está sendo consumido, mas, mais importante do

que saber qual é a droga, é estar ciente do resultado da droga em seu organismo, mesmo que não se tenha conhecimento de que substâncias exatas são essas.

O que se percebe é que entre os jovens prevalece a ideia de consumo de qualquer substância que possa alterar seus sentidos e modificar de alguma forma sua realidade. Talvez por não saber administrar as situações do seu dia a dia, ou simplesmente por não ter outros tipos de ocupação, acabam experimentando e fazendo uso regular do álcool e de outras drogas. Esse quadro demanda bastante preocupação não só para as autoridades, como para a família, para a sociedade e para a universidade em especial, por estar corrompendo jovens cada vez mais imaturos, inexperientes e “perdidos” na sua realidade. Por não possuir ainda o discernimento do certo e do errado, do que é construtivo e depreciativo e de que fundamentos utilizará para construir sua própria imagem/identidade.

(...) é difícil imaginar coisa mais sem sentido do que essa associação, que está na base de quase todas as propagandas – a de que imitando alguém seremos iguais a ele. Ela se aproveita da enorme necessidade que o jovem tem de se afirmar para lhe vender todo tipo de mercadoria. (...) Penso que o superior, o verdadeiro ganhador, é aquele que é capaz de refletir e reagir de modo crítico em relação a tudo isso. Achar-se melhor e mais apto para a vida adulta simplesmente porque se transformou na pessoa que possui tudo o que a propaganda nos impõe é perder o senso do ridículo. Superior, ganhador, é aquele que se preserva e não o que se submete é o que pensa e age segundo suas próprias convicções. Perdedor é o “papagaio” que copia a quem quer que seja, inclusive o mais encantador dos ídolos. Cada pessoa é única e copiar os outros nunca vai levar a parte alguma. (GIKOVATE, 1997, P. 12)

Se torna sábio aquele que não se deixa levar pelas ações do outro, quem sabe a hora de parar e dizer não. Mas com um olhar mais crítico perante a sociedade, o que notamos, é que os jovens que possuem uma opinião já formada e assumem uma postura no qual tem a noção de ser a correta, são minoria. Cada vez mais os jovens têm se tornado seres não pensantes para discussões que envolvem seu dia a dia e demandam uma postura firme, consciente e madura.

E justamente por não pensar criticamente, a juventude acaba sendo marcada pelo período no qual surge a vontade de se tornar independente da família, conjuntura perfeita para as drogas entrarem na vida de muitos jovens, ganhando força e representação no ambiente universitário. (GIKOVATE, 1997)

As drogas tendem a fazer parte da realidade do indivíduo a partir da adolescência, com força na juventude e, principalmente, quando esse jovem está longe de sua família. Na busca de aventuras, acaba seguindo caminhos que aqueles que se preocupam e o amam desaprovam. A família muitas vezes percebe antes do jovem os riscos que determinadas ações podem ocasionar.

Diante deste contexto tão complexo, problemático e vulnerável, podemos compreender que esse jovem que não obtém por completo a noção do que envolve o ensino superior, não compreende como será a estadia em outro território, a convivência com pessoas que até então não são tão próximas e ainda possui a carência de saber lidar com suas frustrações, pode ser alvo fácil de ser influenciado por pessoas que se encontram tão ou mais perdidas do que ele. A ausência do apoio familiar pesa bastante no sentido de não ter mais a quem recorrer com tão fácil acesso assim, é preciso o saber lidar, saber responder, saber agir e se expressar. Independentemente de estar próximo ou não da família, o indivíduo na fase da juventude precisa de fato de uma figura representativa que não o deixe desviar de seu caminho. Há essa fragilidade na juventude, porque não são adultos e não possuem a plena consciência, ou então um amparo emocional desenvolvido a ponto de não se deixar abater por questões negativas que impedem a construção da identidade moral e ética com base na maturidade plena.

CAPÍTULO II - A UNIVERSIDADE PÚBLICA COMO “LUGAR DE LIBERDADE” NO CENÁRIO DE IMATURIDADE E SUAS REPERCUSSÕES CORROSIVAS NA VIDA DO JOVEM

Podemos compreender que o espaço das universidades públicas estabelece constante relação com a sociedade e com os âmbitos que a englobam. Não se restringe somente à educação de nível superior em si, mas também à formação e ao desenvolvimento de indivíduos em sua totalidade. As diferentes questões encontradas nas universidades são fundamentais para que exista o debate e a partir disso, o crescimento daqueles que estão envolvidos.

Ainda que as universidades sejam uma conquista expressiva e um enorme avanço para o Brasil em termos de desenvolvimento no ensino, não podemos deixar de abordar as fragilidades que envolveram e ainda envolvem a construção e a consolidação desse espaço.

Muitas são as maneiras de entender o significado da Universidade no Brasil, havendo, pelo menos, um consenso geral: ela foi uma criação tardia no País, mesmo em relação à América Latina. Ocorre que a universidade brasileira foi o produto tardio de um conglomerado de escolas superiores pré-existentes, como aconteceu, por exemplo, no caso da Universidade de São Paulo. Essa origem tardia e fracionada da universidade resultou em seu perfil burocrático sob dominação oligárquica, que persiste até hoje. (CAMACHO, 2005, P. 101)

O ensino superior entre nós, tendo surgido tardiamente e sendo pressionado a rápidas mudanças, várias vezes improvisadas, oscilou – mercê do período conturbado em que começou a funcionar – entre as necessidades sociais providas do desenvolvimento das relações capitalistas e temores ligados à luta de classe. (SODRÉ, 1986)

O processo histórico do país, os problemas sociais, os interesses de classes, os aspectos políticos, todos esses fatores interferem diretamente na trajetória das universidades públicas, na qualidade e na igualdade que o ensino é ofertado.

Nascendo em uma sociedade segregada e dependente, a universidade manteve-se segregada em relação à sua população e dependente em relação aos objetivos internacionais, aos quais a minoria da população brasileira está integrada. (BUARQUE, 1994, P. 89)

O enorme desinteresse dos governos pela escola pública básica gerou uma distância propagada que atualmente se constata entre o ensino básico e a universidade

pública em termos de qualidade e de eficiência no ensino. Essa distância tende a aumentar cada vez mais se persistir, de um lado, o processo de deterioração e de precarização do ensino básico público e, de outro, os elevados níveis de exigências para o ingresso nas universidades públicas. Diante disso, torna-se claro que a alternativa para que se diminua o “elitismo” não pode ser a adaptação da universidade à penúria do ensino básico, mas sim a recomposição da escola pública de primeiro e segundo graus, havendo uma elevação considerável ao seu nível de ensino. E essa é uma questão política significativa uma vez que tal recomposição dependeria de uma profunda análise e revisão das prioridades que orientam a atuação dos governos diante da educação básica e superior. (SILVA, 2001)

Portanto, junto ao tema da demanda e das vagas disponíveis, surge a questão de articulação dos diferentes níveis de ensino. Para manter a legitimidade no debate público, é preciso reconhecer a grande precariedade do ensino de primeiro e de segundo graus, que os cursos de educação das universidades públicas estudam há décadas. Ao mesmo tempo, num país pobre como o Brasil, de grande escassez de recursos orçamentários, as decisões quanto à sua distribuição são essenciais. O ensino universitário de qualidade é caro, e essa é uma das razões da dificuldade, senão impossibilidade, para o setor privado custeá-lo, a não ser em casos localizados. Isso leva diretamente a um tema fundamental e clássico nos debates sobre a educação: seu significado para a sociedade. (VIGEVANI, 2002, P. 51)

Devemos considerar que a sociedade é um local com diversas posturas e opiniões, onde várias decisões positivas e negativas são tomadas, gerando diversos resultados. Ao estar na transição da juventude para a vida adulta, o indivíduo tende a sentir e a ser tocado por essas questões que envolvem a sociedade e refletem no cenário universitário.

Como a relação entre universidade e sociedade não se limita às aparências, não podemos considerar a universidade como entidade independente que devesse encontrar mecanismos ou instrumentos para se relacionar com a sociedade. Pelo contrário, a universidade é uma instituição social e, como tal, expressa de determinada maneira a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo. Tanto é assim que, dentro da universidade como instituição, encontramos opiniões, projetos e atitudes conflitantes, que refletem as divisões e contradições da sociedade como um todo. (BERNHEIM; CHAUI, 2008, P. 18)

A universidade está diretamente conectada à ideia de sociedade democrática, banindo as desigualdades. Entre suas tarefas básicas, deve-se estar a intenção de desenvolver em todos os cidadãos as habilidades necessárias para a efetivação da

cidadania em uma sociedade complexa e excludente. Esses movimentos abrangem a possibilidade de um pensamento crítico e reflexivo, de avaliação independente, havendo o equilíbrio de opiniões divergentes e a participação ativa e madura nos processos de tomada de decisões. Essas habilidades devem ser ensinadas e consolidadas por todos os alunos que dão início a sua vida acadêmica, para que possam depois transmitir tais ensinamentos a todos os cidadãos. (DASCAL, 2002)

O espaço universitário pode ser compreendido como um local onde vários pensamentos e princípios se encontram, podendo existir um embate e/ou mudança de comportamentos. Vários assuntos são abordados nesse espaço, sendo esses conteúdos da grade curricular acadêmica ou não. Nesse quadro de discussões, ressaltamos aqui as drogas como uma das temáticas expressivas que estão presentes nas universidades.

Vale ressaltar que o jovem, que ainda está cursando o ensino médio básico, não possui total entendimento de como será a realidade na universidade. Ao chegar à universidade pública, encontra uma realidade muitas vezes bem diferente do que seria adequada. O público remete a ideia de que o indivíduo é dono daquele espaço e de fato o pertence, mas não se pode perder de vista que não só o indivíduo é dono, mas também todos aqueles que ali estão e a sociedade como um todo.

O uso abusivo de drogas lícitas e ilícitas, as ações de cunho ilegal e moral nesse espaço vão de encontro à noção de respeito ao próximo e de respeito ao coletivo. Não é difícil encontrar universidades que enfrentam diariamente esse problema; muitos jovens acadêmicos passam a aderir ao uso abusivo dessas substâncias e a ações imorais, gerando um ponto necessário a ser destacado e enfrentado.

No Brasil, o grau dos problemas sociais determina que a universidade também os enfrente e os combata diretamente. Torna-se necessário que a estrutura universitária elabore mecanismos de enfrentamento destes problemas reais que a cada dia ganham mais força e que não cabem dentro das preocupações específicas de cada departamento. A universidade deve atualizar-se e especializar-se não apenas por categorias do conhecimento, mas, inclusive, por problemas concretos da sociedade. (BUARQUE, 1994)

Para a instituição, entender o porquê que seu jovem acadêmico busca e faz uso abusivo dessas substâncias se torna muito produtivo no sentido de compreender as indagações que envolvem esses indivíduos. Resolver esse ato abusivo é essencial, mas

compreender o que ocorre na essência, entendendo a fundo as questões que estão envolvidas para desencadear esse processo, é primordial para atuar na prevenção.

A educação contemporânea não pode estar adequada à realidade se não estabelecer o equilíbrio entre liberdade e permissividade de maneira concreta. Demasiada autoridade esmaga, liberdade demais corrompe. (CHARBONNEAU, 1974, P. 189)

Remetendo ao mundo das drogas, a educação contemporânea só se torna plena quando há o equilíbrio entre o limite e a liberdade e nos faz refletir sobre o ostensivo papel da família e também do cenário universitário no decorrer da vida desse jovem. Ambos exercem o papel de direcionamento a se seguir, quando existe o sufocamento, a repressão, ou o descuido e relaxamento, o jovem se vê perdido, contando apenas com o que pensa e deseja. Porém, nessa fase da vida os posicionamentos e opiniões desse jovem nem sempre estão totalmente construídos e corretos, na juventude são cometidos vários equívocos. Eis que o depreciativo pode seduzir e iludir, com a desculpa de novas experiências, pertencimento, curiosidade, ou fuga, esse jovem pode vir a fazer uso de drogas e acabar corrompido com os malefícios desencadeados por elas.

A instituição de ensino superior e aqueles que cercam o convívio dos jovens devem estar atentos a esses comportamentos inconscientes e desprovidos de responsabilidades, que carecem ações de suporte e direcionamento a esses jovens alunos.

Muitas administrações de escolas e faculdades ficam preocupadas, instituem o que parece ser regulamentos justos e depois ignoram a sua existência. Traçar normas e deixar abundantemente claro que não se tem a intenção de exigir o seu cumprimento é encorajar os estudantes a burlarem não apenas essas normas, mas praticamente todas as outras normas relativas ao comportamento. (LOURIA, 1972, P. 185)

É de extrema relevância que a instituição imponha regras e limites a seus jovens. Essa conduta deve fazer parte da juventude, uma vez que de fato existe a carência de direcionamentos. Mas mais importante que estabelecer essas regras é cobrá-las. De nada adianta traçar o que deve ser feito e deixar a opção à mercê daqueles que não possuem uma maturidade plena para decidirem se irão respeitá-la ou não. A instituição passa a ter a competência para ser dura quando necessário e exercer de fato o papel de educadora, agindo em prol não só da construção de um profissional consciente, mas de um sujeito social com caráter e domínio de seus atos.

Cabe à instituição também determinar os caminhos corretos a serem seguidos pelos jovens que ingressam na universidade e que se encontram em processo de construção de sua identidade moral e que não possuem ainda o discernimento necessário para conduzir determinadas decisões impostas pela vida.

Percebe-se, então, que o desafio das universidades é justamente o de situar-se no contexto da sociedade brasileira, contribuindo efetivamente na criação de um pensamento consciente capaz de contribuir na construção de uma ideia de nação que conquiste sua soberania, que organize a sociedade de forma eficiente, que caminhe para incorporação de uma crescente igualdade entre seus habitantes e que respeite não só os espaços públicos, mas uns aos outros. (BUARQUE, 1994)

Dessa forma a universidade tem o poder de fornecer uma formação comprometida, que possa de fato construir cidadãos responsáveis e maduros que saibam escolher o que é melhor para si e para sua sociedade, não se corrompendo por juízos errôneos.

2.1- FORTES DETERMINANTES ESTIMULAM O USO DE DROGAS

O processo de modificação com que o indivíduo vai sofrendo durante sua vida, perante seu núcleo familiar e a sociedade, ressalta as relações extrafamiliares que dizem muito sobre o jovem que passa a fazer uso abusivo do álcool e outras drogas nesse processo. Ele passa a obter uma liberdade que não conhecia de forma tão plena. Nesse contexto de análise, devemos considerar que os jovens focos dessa pesquisa se encontram em ruptura com seus laços familiares, uma vez que saíram de casa para dar início a sua trajetória acadêmica, sendo esse um dos determinantes mais expressivos, já que são norteados pela sua consciência, pela família e pela sociedade.

A análise de qualquer problema humano revela que a sua origem pode encontrar-se em desequilíbrios que se podem situar em qualquer dos três campos básicos que marcam a sua existência: o pessoal, o familiar e o social. Estes três elementos interagem entre si e não podem ser considerados isoladamente. Sabe-se que um indivíduo nasce com uma carga hereditária e desenvolve uma personalidade própria, através das suas experiências e vivências pessoais. Participa de um grupo primário – a família – onde ocupa determinado lugar, que lhes é exclusivo, e onde desenvolve papéis conforme seu tipo de relacionamento com outras pessoas em diferentes situações de parentesco. (GONÇALVES, 1982, P. 55)

Há entre os jovens aqueles que embora já tenham tido interesse e curiosidade pela droga na adolescência não haviam experimentado tais substâncias. Ao fazer parte da universidade, esse jovem se torna vulnerável ao uso. Os desejos do passado passam a ganhar força e influências, determinando um processo futuro conturbado a esse jovem, existindo ainda o agravante dependendo de sua classificação como usuário, ou dependente, embora ambas sejam depreciativas, os dependentes químicos tendem a sofrer mais ao desejar se livrar dessas substâncias.

Ora, o jovem começa o abuso de drogas na adolescência, em regra, e como vimos, quando sua personalidade ainda é mutável, embora certas estruturas pré-dependência possam permanecer. Daí o dependente químico pode tornar-se abstinente a suposta cura e, então, terá que reestruturar a sua personalidade, inclusive com estruturas que sobreviveram ao “incêndio”. É por isto que alguns chamam esta fase de renascimento. (MENDONÇA, 1997, P. 15)

As problemáticas que o indivíduo enfrenta correspondem a desarmonias, a instabilidades individuais na família, ou diante das suas outras relações, estando os três campos diretamente ligados ao desenvolvimento do jovem, sendo assim, fundamentais para a construção da sua identidade e da sua reestruturação pós-contato com as drogas.

A família é o primeiro âmbito na vida de um indivíduo e exerce influências que irão produzir um primeiro perfil, baseado no que lhe foi passado e apreendido até então. Porém, ao alterar sua realidade, dando início a vida acadêmica, o jovem, que no momento se encontra com os laços familiares rompidos, passa a moldar sua identidade com experiências para além de seu núcleo familiar. A partir de suas novas experiências, a figura do jovem vai sofrendo alterações no núcleo familiar. Ele tem a sua posição que sempre lhe foi posse, mas as relações extrafamiliares atribuem outros elementos para sua imagem e seu desenvolvimento se dá em todos os momentos da sua vida.

A família, inclusive para os adultos, continua detentora dessa função de dar sentido às relações entre os indivíduos e servir de espaço de elaboração das experiências vividas. Essa concepção permite pensar o processo de “crescimento” na família como uma questão que diz respeito não apenas às crianças, mas a todos os seus membros, ao longo de suas vidas, na medida em que as experiências podem ser permanentemente reelaboradas. “Crescer”, assim, desvincula-se do mero processo biológico e constitui-se também em um processo simbólico. As condições favoráveis para que uma criança “cresça” ou um jovem se desenvolva na família se ampliam quando seu pai, sua mãe ou quem deles cuide possam se pensar, eles mesmos, como pessoas em permanente crescimento, em cada novo lugar que ocupem na família. (SARTI, 2004, P. 121)

O processo de construção da imagem que o indivíduo representará de si mesmo se dá incessantemente, não somente na infância ao aprender o básico para sua existência, mas também na adolescência com as correções diárias, na juventude com ensinamentos mais rígidos e responsáveis e na vida adulta com direcionamentos maduros e competentes. O processo se estabelece constantemente sem cessar, adequando-se a cada etapa pertencente na vida do indivíduo, o que se encaixa como norteamento naquele dado momento. A forma como o indivíduo vai se desenvolver e construir sua identidade dependerá da sensibilidade da própria família, além de sua própria consciência e da sociedade na qual está inserido.

Diante dessa perspectiva, podemos considerar as drogas como responsabilidade de todos. Não há quem esteja imune do compromisso de enfrentamento de tais substâncias que a cada dia corroem mais e mais nossos amigos, familiares e sociedade em geral. Esses setores que norteiam a vida do indivíduo, quando se articulam em prol da resolução dessa refração da questão social, são capazes de construir meios que possam dar um suporte maior e mais eficaz sobre o uso abusivo de drogas. A saúde pública muitas vezes deixa a desejar em meios preventivos e de solução dos malefícios

desenvolvidos pelas drogas. A família corresponde ao apoio e ao suporte afetivo e emocional necessários nesse momento e a sociedade, à conscientização e à busca do enfrentamento de forma eficiente dessa questão. O jovem não pode estar desamparado por nenhum desses setores que orientam sua vida.

Entende-se que a questão da dependência ao álcool e outras drogas, além de ser uma questão de saúde pública, envolve não só o dependente, mas sua teia de relacionamentos, especialmente seu grupo familiar, acarretando implicações importantes nessas estruturas. (GOULART; SOARES, 2013, P. 6)

A família se torna então o local responsável por desenvolver e por estimular as relações do jovem com o mundo exterior, sendo importante então apontar nortes a serem seguidos, orientando como essas relações devem se dar e como não se perder entre elas. A juventude tem uma carência maior desse direcionamento, por ser uma etapa repleta de confusões e conflitos pessoais. O jovem aluno universitário ao chegar a um novo território de moradia, pode se sentir desorientado sem saber que rumo seguir e quais ações tomar.

O núcleo familiar se torna um campo privilegiado para se analisar e pensar a relação entre o indivíduo e a sociedade, o subjetivo e o objetivo, o lógico e o social. Sendo o lugar onde se ouvem as primeiras falas, construindo a autoimagem e a imagem do mundo exterior. Dessa forma, a família é fundamental como lugar de aprendizagem de linguagem e de definição de seu caráter social. Nela, aprende-se a falar e, através da linguagem, a estabelecer e dar sentido às experiências vividas. Independente da sua composição e organização, a família é o filtro através do qual se começa a ver e a dar sentido ao mundo. Tal processo se inicia ao nascer e prolonga-se ao longo de toda a vida, a partir de diferentes posições que se ocupa na família. (SARTI, 2004)

A partir da família o indivíduo se desenvolve, cresce e amadurece. Suas emoções, seu caráter e poder de discernimento são construídos diariamente com concepções transmitidas por aqueles que o amam e lhe quer bem. Com tal linha de raciocínio, podemos compreender que os jovens são reflexos do que sua família é e representa, podendo sofrer alterações a partir de amizades e de pensamentos influenciados que vão contra tais princípios.

Os jovens representam riscos constantes para si mesmos e um alerta para as autoridades, para a sociedade e para a família. Por não possuírem um caráter social totalmente construído e permanente, estão expostos a frequentes alterações em seu

modo de ser e algumas vezes essas alterações são destrutivas. Por mais que todos os seus principais sentidos e modo de pensar tenham sido consolidados entre a família, as ações futuras desse jovem podem se constituir com bases fora ao que foi perpassado.

(...) o que se verifica é que a família vem sendo cada vez mais essencial e também responsável pelo desenvolvimento dos cidadãos, desfazendo a tese de que a família, no estado de direitos, seria prescindível e substituível. (GOULART; SOARES, 2013, P. 5)

A família é insubstituível por ser o laço de acolhimento mais sólido e mais seguro, quem sempre esteve e estará ao seu lado, independente de como se dá esse núcleo familiar, independente do modelo ou concepção de família que foi surgindo ao longo dos anos. Ela é responsável pela construção da natureza do jovem que se prepara para a vida adulta, representa a base de construção da cidadania de cada indivíduo. Quando há a ruptura desses laços, o jovem pode se encontrar desorientado, sem saber como se comportar diante das questões apresentadas cotidianamente, já que é a família quem cria possibilidades que vão desde as que se referem a fatores de proteção e de socialização, até a criação de vínculos que são essenciais aos indivíduos. (GOULART; SOARES, 2013)

Os limites do mundo familiar, demarcados pela história que a família conta sobre si, criando sua identidade, são abalados pela ação individualizada de cada um de seus membros, que reagem singularmente às relações internas e trazem à convivência cotidiana a experiência também singular com o mundo exterior. (SARTI, 2004, P. 122)

Os ensinamentos postos pela família podem se perder no momento em que o indivíduo passa a agir por si mesmo, sem relevar sua base familiar. O que aprendeu fora dessa ordem passa a intervir sobre quem é o indivíduo, a interferir diretamente no seu modo de agir e de pensar, e na sua essência particular ao romper com o que sempre lhe foi transmitido e esperado. Na juventude, o perigoso se dá justamente por não haver meios de descobrir como será e o que implicará com as novas reações e posturas adquiridas com o mundo exterior. Passa a levar para seu seio familiar elementos novos, que diferem de tudo que já lhe foi colocado. A universidade é um ambiente muito favorável a diferentes e conflituosos pontos de vista e ações. As relações se dão a partir do antagonismo. A família, a liberdade e a maturidade se expressam nesse momento que é estar na juventude, como elementos principais norteadores de sua posição diante de numerosas e diversas opiniões.

Há uma série de relações entre drogadição com rejeição e com ausência de limites na família. O fato de se impor limites, não autoritários, é claro, mas como regras comuns de convivência, é uma forma de afeto. Assim estamos dando limites a uma pessoa como forma de lhe querer bem. (FALEIROS, 1997, P. 89-90)

Impor limites não significa algo negativo, pelo contrário, representa, quando não se dá de forma autoritária, o cuidado, o carinho e o zelo daqueles que impõem os limites sobre aqueles que precisam de tal atenção. Amar e querer bem traz tais noções e percepções, o “não” muitas vezes é necessário e benéfico, é sinal de que há alguém direcionando o caminho e as escolhas daquele jovem da melhor forma possível.

O núcleo familiar, quando percebe que deve interferir de alguma forma, deve de fato o fazer. Não devem existir receios, a família por desejar o melhor aos seus, quando precisa corrigir, não pode medir esforços para isso. Porém quando o jovem não está mais presente no seio familiar, as possibilidades de alertas que poderiam ser emitidos pela família se perdem, por mais que possam ocorrer não se dão de forma tão intensa como antes. A partir disso, percebemos que não há quem possa cumprir o papel da família, ela é essencial na construção do indivíduo em si. É responsável por transferir valores e ensinamentos que guiarão as decisões e os relacionamentos que se dão fora do núcleo familiar, sua relevância para o jovem é incontestável. A família emite a sensação de acolhimento e de constante aprendizagem. Aqueles que deixam seus lares, para darem início ao curso escolhido da universidade, perdem de certa forma esse refúgio que representa a família, não contam mais com os princípios diários repassados por aqueles que se preocupam com seu bem-estar.

A família, na formulação brasileira tradicional, continua enxergando no diploma universitário o único caminho de realização pessoal dos seus filhos. O argumento básico, subjacente a essa posição, reside na expectativa de que o título universitário permite – o que é verdade – o acesso a posições melhor remuneradas, de maior prestígio e, até mesmo, de maior poder de mando. Imaginam esses pais – na hierarquia burocrática de órgão público ou na escala administrativa da empresa sejam a garantia, o penhor da felicidade do jovem. (GONÇALVES, 1982, P. 55)

Muitas famílias depositam em seus jovens a pressão de conclusão do ensino superior, sem se darem conta dos malefícios que tal exigência excessiva pode causar em seus jovens. De fato, o ensino superior é de extrema importância, agrega muitos valores, é rico em saberes e na construção da consciência, da identidade e do amadurecimento

do indivíduo, porém, quando a obtenção do diploma se torna algo exigido e constantemente cobrado, tal pressão sobre o jovem pode desencadear ações nocivas.

Há cada vez mais esse pensamento sobre a juventude, da necessidade de se firmar e ter sucesso profissional e como requisito primordial, a faculdade. Acreditam que só assim o jovem será plenamente feliz e financeiramente bem resolvido. Norteadas por essas percepções, algumas famílias extrapolam e exercem esse desejo de conclusão do ensino superior por seus jovens de forma exagerada, pressionando de forma maçante o jovem para que conclua com êxito seus estudos. Apesar de não estarem mais em convívio com seus familiares, muitos jovens alunos vivenciam essa tensão. Ao fazerem contato com suas famílias notam a constante e elevada expectativa e ansiedade que a família cultiva pelos seus estudos. A cobrança por vezes não é bem digerida por esses jovens, a família raramente se dá conta de que suas expectativas despertam reações negativas. Por se tratarem de indivíduos ainda em processo de amadurecimento, as questões que os cercam ganham proporções maiores, eles sentem de forma mais intensa seus medos e desejos, e a vontade de atender as expectativas da sua família, seguida da frustração de uma atividade/prova insatisfatória podem gerar consequências comprometedoras para sua vida acadêmica e social.

Torna-se relevante apontar a importância de a família dialogar sobre as diferentes questões que norteiam seu jovem. Não abordar tais pontos impossibilitam que eles sejam tratados na relação família e jovem.

Ao se trabalhar os jovens na família, o problema reside não tanto na dificuldade de reconhecimento e aceitação do conflito por parte dos membros das famílias que o vivenciam, mas sobretudo nas concepções de jovem e de família que subjazem a grande parte das “intervenções” em famílias, o que inibe a possibilidade de elaboração dos problemas individuais e coletivos a partir de recursos que podem estar no próprio âmbito familiar. (SARTI, 2004, P. 127)

Por vezes existe na família certa resistência em abordar as problemáticas presentes na vida dos jovens, talvez por querer esconder tal problema. Por existir o desconforto, a família então não só deixa de atuar ativamente em prol de seu jovem, como também deixa de fornecer meios importantes e de extrema relevância, para ajudar nas questões que envolvem a juventude. Os jovens acadêmicos que passam a residir longe de suas famílias não possuem mais uma representação pertinente presente para abordar e discutir temas que para eles são novidades e até então desconhecidos, ou lhe geram indagações e desconfortos. Com isso, o que se pode observar é que muitos se

deixam influenciar a partir de concepções de terceiros sobre o tema, o que nem sempre é conveniente e bom. Daí se edifica a importância de a família se mostrar disponível a lidar com os problemas que envolvem a juventude no âmbito individual e coletivo, orientando-o dentro do próprio núcleo familiar.

Conforme é indivíduo, o homem se autoafirma como um ser separado, individualizado e incomparável, solto, livre e autodeterminado. A ameaça em perder o controle de suas ações, da perda deste núcleo é a essência da ansiedade, e a certeza de ameaças sólidas a ele desperta a sensação do medo. (GONÇALVES, 1982) A liberdade pode ser compreendida como elemento ativo na construção da identidade do indivíduo, havendo temores que norteiam a ideia de não-liberdade.

Conforme vai amadurecendo, o indivíduo vai montando seu caráter e personalidade, optando por determinados caminhos. Com base em suas próprias escolhas, constrói a imagem que deseja de si mesmo. Os jovens principalmente temem muito serem privados de sua liberdade e de sua autonomia para escolherem o que quiserem, dizerem o que tem vontade e irem aonde desejarem. Por conta disso, muitos jovens entram em conflito com seus familiares, por eles imporem certos limites e frearem de certa forma essa liberdade na juventude. A ideia de não ter domínio de suas ações assusta nessa fase, seguir apenas o que a família deseja, pode acarretar ao jovem o título de “careta”.

Ao darem início ao ensino superior e saírem de casa em prol desse objetivo, os jovens se encontram livres das limitações antes impostas por seu núcleo familiar. A nova realidade é louvada por muitos, pois se encontram como sempre almejavam, soltos para conduzirem suas ações da forma que julgarem melhor.

(...) é um período em que surgem fortes tendências para a independência e para a individualidade em criaturas que até há pouco tempo queriam mesmo era ser dependentes. A independência dá medo e também fascina. É atraente, erótica, faz bem para a vaidade; mas deixa um vazio na boca do estômago, uma sensação de solidão. As ligações afetivas com a família provocam a sensação de aconchego e fazem desaparecer o vazio na boca do estômago. Mas são eles incompletos e repetitivos que não nos interessam mais. (GIKOVATE, 1997, P. 27)

Os jovens em um período muito recente dependiam e queriam seus pais por perto. Quando se inicia a então juventude, passam a ter interesses contrários. A presença dos pais inibe que eles realizem vontades que os mesmos desaprovam. Ao saírem de

casa, as barreiras que limitavam suas ações somem e por mais assustador que seja não ter a família por perto, a liberdade de poder direcionar suas próprias ações o fascina; elevam o ego do antes adolescente dependente e agora jovem dono de si.

Devido então a atual realidade de ruptura dos vínculos familiares, quem antes dava o direcionamento para a tomada de decisões não se encontra mais tão presente, fica sobre a responsabilidade do próprio jovem conduzir sua vida não só acadêmica, como social. Tem de se trabalhar para que esses jovens não se deixem levar por pontos de vista errôneos, que embriagam seu poder de discernimento e os conduzem para uma liberdade autodestrutiva.

Infelizmente, muitos pais parecem acreditar que não existe a necessidade de haver um diálogo significativo enquanto não aparecer de fato um problema. Somente quando surge uma dificuldade é que surge a comunicação. Sem dúvidas, tal comportamento é incoerente, se não existia uma comunicação livre e fácil antes, é improvável que ela possa ser consolidada com eficiência, sem desconfortos, quando um pai de repente desconfia de que as drogas podem ter entrado na vida do seu jovem. (LOURIA, 1972)

O debate perante diferentes temas é essencial para a juventude. Erroneamente, muitas famílias acreditam que a discussão de temas “delicados” com os jovens, só tem necessidade de serem explorados, quando emergem ações de enfrentamento e quando já ganharam proporções bem maiores. Não direcionam seus diálogos com perspectiva de prevenção, para impedir que tal mal atinja seu jovem. Esses equívocos praticados pelas famílias podem custar caro para esses jovens, uma vez que é na família que as primeiras noções são construídas e que os primeiros valores são cultivados e seguidos. Se as drogas já oferecem riscos àqueles que tiveram trabalhado em seu núcleo familiar essas diferentes temáticas, tornam-se muito mais perigosas para aqueles que são desprovidos de orientações acerca do assunto. E se torna um erro ainda maior, quando a família acredita que mesmo não tendo discutido antes, caso surja o problema com o jovem, a discussão se dará de forma plena e proveitosa, já que o núcleo familiar poderá sim ajudar esse jovem a enfrentar o uso abusivo de drogas apesar de o tema nunca ter sido abordado entre eles.

Inexplicavelmente, a maioria dos pais não dedica o tempo e a energia necessários para que apreendam os motivos de seus filhos tomarem drogas, muito embora a compreensão desses motivos possa ser o

ponto de partida para uma comunicação eficiente e uma ação remediadora. (LOURIA, 1972, P. 140)

Ainda se encontram núcleos familiares que preferem não assumir abordar a realidade do uso abusivo de drogas entre seus jovens. Tendem a agir como se esse mal fosse incapaz de atingir aqueles que a eles pertencem. Não o reconhecem e preferem acreditar na ilusão de que seus jovens não fazem parte dessa realidade abusiva do consumo de álcool e de outras drogas que os corrompem. O não reconhecimento do uso de drogas e a venda colocada sobre os olhos para não enxergarem os problemas, já são fatores de extrema relevância para o enfrentamento dessa realidade. A família é o alicerce de um indivíduo e quando não há o apoio que se espera dela, os jovens se encontram ainda mais desamparados e desacreditados. O núcleo familiar que se encontra, de certa forma, preparado para oferecer um apoio e trabalhar o uso abusivo de drogas de forma eficiente, proporciona que seu jovem tenha mais possibilidades de sucesso no enfrentamento dessa dura realidade.

Cabe à família ter essa noção da relevância em compreender os demais temas e os diferentes pontos de vista que compõem a sociedade de forma geral, além da trajetória acadêmica dos jovens em específico. Não é só a instituição que deve proporcionar um direcionamento e um ambiente próspero para discussões e acumulação de conhecimentos, mas também a família em seu ambiente rico e muito relevante, para o processo de construção da identidade desse jovem e, ainda, como um agente atuante para solucionar as questões que envolvem o uso de drogas.

Na relação dos jovens com a família joga um papel fundamental a forma como está incorporada esses “outros”, estranhos ao meio familiar, que o jovem traz para casa, porque ele neles se reconhece, sendo parte essencial da busca de sentido para a sua existência pessoal. A disponibilidade e a definição dos limites da família para deixar entrar, aceitar e lidar com esses outros do mundo jovem serão determinantes das relações na família nesse momento de sua vida. (SARTI, 2004, P. 124)

É necessário que exista um esquema de como se relacionar e tratar esses outros sujeitos sociais apresentados pelos jovens com base em suas relações com diferentes grupos de conceitos. A tomada de consciência não cabe somente à juventude, mas também aos seus familiares.

Não é incomum esperar que os jovens façam e estabeleçam suas relações com o mundo exterior e as introduzam em seu cotidiano. A partir disso, cabe à família saber

como se portar diante de novos atores e ideologias. Os jovens acadêmicos possuem posturas por vezes diferentes das de grande parcela da sociedade e, por isso, as famílias desses jovens não só devem se adequar a essas novas posturas, mas também buscar quais direcionamentos podem lhes transmitir a partir dessa nova realidade. A família mais uma vez atua com a promoção do bem-estar de seu indivíduo, cuidando e zelando pelos seus.

É de suma importância que os familiares que convivem com esses jovens tenham liberdade e tranquilidade, para alertar e conversar sobre as várias situações que estão expostos a vivenciar, salientando como devem agir e se portar perante elas, como devem conduzir sua liberdade e seus horários vagos. Os jovens devem se sentir seguros e confortáveis para recorrer a sua família, quando sentirem necessidade. A sociedade hoje em dia representa um lugar que requer atenção e discussão e se essas considerações se derem por aqueles que o amam e querem o seu bem, os jovens com certeza irão encarar tais questões de forma diferente, com outro olhar e com outra consciência.

Faz-se necessário ponderar que ao lidar com o ambiente familiar, estamos trabalhando com um grande colaborador e não com o principal responsável pelo manejo adequado da dependência ao álcool e outras drogas. (GOULART; SOARES, 2013, P. 8)

A família representa quem pode colaborar para a questão das drogas que cercam o indivíduo. O ambiente familiar propicia o amparo e o direcionamento que é exigido diante do uso abusivo de drogas. Devemos pensar a família como o agente que visa combater tais substâncias e resgatar o jovem de se perder totalmente entre elas e não como facilitador do contato e do uso do álcool e de outras drogas. Por isso, torna-se tão importante o debate acerca do papel da família e sobre os danos que podem ser estabelecidos com o rompimento desses vínculos.

Quando naturalizadas, as relações na família não só se tornam um modelo de base ideológica a ser seguido, como também um terreno fértil para se estabelecer um discurso normativo, existindo um dever ser no horizonte, uma referência positiva a partir da qual todo o resto, tudo que foge as ideologias da família, é tido como “desvio” ou “anormalidade”, quando não “patologia”, armadilhas impostas pelas relações extrafamiliares. (SARTI, 2004)

Nessa concepção, a família transmite seus próprios princípios e ensinamentos e quando as ações desse jovem fogem ao que a família acredita ser correto e saudável,

entende-se esse novo ponto de vista como irregular e danoso. Esses novos vínculos tanto podem ser positivos e construtivos, como prejudiciais, desvirtuando o jovem do que seria correto para a família.

Uma pessoa jovem começa a fumar cigarros, tomar cerveja, fumar maconha ou cheirar cocaína por causa da influência do seu grupo de amigos, de quem quer ter o respeito e a opinião favorável. O fato de ser algo que contraria a família é bem-vindo nessa época de luta pela independência e pela autonomia em relação a ela. O processo se reforça muito em função da vaidade, de o indivíduo se sentir especial, superior e capaz de impressionar o sexo oposto em virtude de sua relação com aquela droga determinada. (GIKOVATE, 1997, P. 41)

Não podemos negar que os grupos de amigos exercem extrema influência sobre os jovens. A forma de falar, de vestir, de se expressar e de agir são comuns aos seus amigos, buscando sempre a aprovação dos mesmos. Por se tratar de uma fase de construção e de afirmação, quando a atitude é ilícita e vai contra a ideologia de seus familiares tudo se torna mais atrativo. O jovem tem a tendência de buscar adrenalina, o perigo de ser descoberto é fascinante para ele. Fazer algo reprovável e não ser “pego” atribui status a esse jovem em seu grupo de amigos, mostra que ele foi corajoso e perspicaz. Tal linha de raciocínio pode provocar diversos danos para esses jovens. Aquele que era badalado se torna um adulto problemático. Eis a importância de esclarecer para esses jovens que o que é admirável hoje pode e provavelmente será reprovável num futuro não tão longe.

As razões que levam os jovens ao uso do álcool e a outras drogas são diversas e persistem ao longo dos anos. Conversas mantidas com grande número de estudantes revelam que os motivos para o consumo de drogas não sofreram muitas alterações. O que se pôde perceber é que a curiosidade, a busca pelo prazer e a influência dos companheiros de grupo parecem ser, mais do que nunca, as três principais causas da experimentação das drogas. Porém há outra razão que por vezes não é tão explorada, mas que é tão ou mais importante que as outras, o tédio; a má administração do tempo livre, não ter ocupações construtivas é algo perigosíssimo na juventude. (LOURIA, 1972)

Um jovem entediado tende a buscar preencher seu tempo com ações fúteis e, em suma, dispensáveis. Como existe na juventude a ideologia de aproveitar ao máximo cada momento, os jovens guiam suas ações desprovidas de responsabilidade segundo essa vertente, buscando saciar seus prazeres e acumular experiências que atribuam

valores entre seus grupos de amigos. A juventude pode ser entendida como uma fase na vida do indivíduo repleta de ilusões e de equívocos, que, por vezes, infelizmente corrompem e desencaminham esse jovem de ideais construtivos para si socialmente e academicamente.

O papel da família nesse período se dá justamente porque ela representa o eixo central desse jovem, simbolizando um ambiente seguro para se recorrer. Constitui-se, então, como um espaço onde pode haver embates, devido a pontos de vista divergentes, mas por ser um local que expressa a sensibilidade e o afeto, tais questões podem e devem ser trabalhadas no próprio núcleo familiar. (SARTI, 2004)

Como os jovens costumam a estender suas relações para além da ligação com seus familiares, o convívio com outros indivíduos sociais proporciona a consolidação da família como eixo primário, principal e de maior expressividade. Ao se relacionar com outros alunos, o jovem pode refletir e analisar quais princípios são favoráveis, coerentes e confiáveis para seguir.

Não podemos nos iludir com a propaganda barata: tudo nessa vida é faca de dois gumes! Se existem os efeitos agradáveis das drogas, existe também o lado negativo, que é o dos malefícios a longo prazo. O problema é que os efeitos agradáveis aparecem logo e os malefícios demoram alguns anos. Então parece, especialmente para o jovem, que é imediatista, que está tudo bem! Mas as coisas não são bem assim. (GIKOVATE, 1997, P. 43)

A juventude costuma não questionar muito o que está sendo colocado a ela pela mídia e amigos (diferente quando se trata da família). Os jovens acreditam que se algo diz que não lhe fará mal de fato não fará, mas sabemos que a realidade não é assim. A propaganda existe justamente para vangloriar o produto e não seria diferente com as drogas que quando experimentadas e observadas as sensações agradáveis, o jovem certifica que a propaganda é verdadeira. Porém, futuramente se conhece o lado negativo das drogas, suas desvantagens que não são relatadas por aqueles que a defendem. É quando o problema começa a se agravar ainda mais e esse indivíduo precisa de suporte para reconhecer esses malefícios e agir contra elas.

Referindo-se ao uso de drogas no âmbito acadêmico, as causas podem ganhar novas expressões. Há vários equívocos entre os jovens alunos que se deparam com uma realidade mais dura e responsável da que estão acostumados.

Além da curiosidade, do tédio e das influências, outro fator de extrema relevância para o uso de drogas no meio acadêmico é o uso de tais substâncias como resposta às decepções e às cobranças presentes na realidade do ambiente universitário. Os jovens vistos como aptos a assumirem e administrarem essa nova realidade, mais responsável e individual, acabam se perdendo, sem saber como lidar com essas novas implicações que demandam apenas deles. As drogas surgem na vida desses jovens não somente como uma forma de se desprenderem dessas cobranças, mas também de fugirem dessa realidade que não lhes agrada. Tornam-se meios cômodos para responder as angústias que as frustrações acadêmicas podem desencadear. Existe também o uso de drogas apenas como um relaxante, aqueles que não possuem tantos problemas acadêmicos fazem uso para encarar o desenvolvimento do curso de forma mais branda e “divertida”. (LOURIA, 1972)

Sendo qual for a situação propícia para o uso, devemos destacar que é um grande equívoco optar pelo abuso dessas substâncias para enfrentar as expressões de suas ações. As drogas nunca geram nada de positivo e construtivo para um indivíduo, quanto mais em se tratando de jovens em desenvolvimento e em construção de uma trajetória acadêmica para obtenção de uma profissão responsável e consciente. “A investigação sobre a dinâmica da ocupação do tempo livre pelos jovens é de significativa importância para se compreender os sentidos do próprio tempo da juventude nas sociedades.” (BRENNER et al., 2005, P. 175)

De fato, é de suma relevância apreender o que está sendo feito entre os jovens em suas horas vagas. O que eles preferem fazer? Para aonde querem ir? Tais questões norteiam a construção da imagem do jovem, se ele tende a seguir lazes que lhe oferecem riscos, ou atividades mais saudáveis. A instituição ao fazer essa análise não só pode entender melhor a realidade de seus jovens, como também pode interferir de forma mais efetiva na vida de seus alunos. Caso exista a tendência a ocupações que não são proveitosas, a instituição ainda pode desenvolver projetos para a promoção da mudança.

Entender esses jovens nos auxilia muito a ajudá-los, já que o homem é essencialmente liberdade, porém liberdade finita. Não liberdade no sentido da indeterminação, mas no sentido de ser apto a se determinar através de decisões tomadas por ele. Da mesma forma que a liberdade finita, o homem é livre dentro das eventualidades da sua finalidade. Nesses limites, ele é solicitado a fazer de si o que acredita que ele deva fazer para realizar o seu próprio destino. (GONÇALVES, 1982)

A liberdade faz parte do indivíduo e está entrelaçada à sua imagem e à identidade que foi definida. Diante da liberdade, o indivíduo possui livre poder de escolha, pode desejar e optar pelo que ele quiser, pelo que julga ser correto e melhor para si. Esses posicionamentos e decisões irão constituir aos poucos aquele que é dono de sua liberdade. Ao se encontrar livre para escolher os vários caminhos que podem ser seguidos, as escolhas desse indivíduo dirá muito sobre ele. Os jovens passam por esse processo de forma mais intensa, pois a juventude é uma etapa repleta de escolhas a serem tomadas e a liberdade passa a se fazer mais presente na vida do homem justamente neste período. E, por se tratar de um elemento novo, é importante que exista um discernimento na hora de conduzir essa liberdade que é finita e que haja limites até mesmo para a liberdade.

A consciência de que não se pode e nem se deve fazer absolutamente tudo que se deseja é indispensável para se obter boas escolhas e bons frutos, principalmente, em se tratando de jovens que não possuem uma maturidade tão sólida e nem possuem essa dimensão do que é a liberdade. Quando querem se tornar independentes, não consideram as ameaças que estão impostas a eles socialmente.

(...) estabelece-se, sem se perceber, uma relação entre irresponsabilidade e liberdade. A maconha estimula a irresponsabilidade das pessoas. Mas liberdade é coisa mais séria e complicada, que droga nenhuma irá resolver. Muito menos as drogas que provocam grande dependência psicológica; isso é o oposto da independência e da liberdade. (GIKOVATE, 1997, P. 34)

As drogas podem de fato, em quase todos os casos, afetar as decisões realizadas pelo indivíduo. Seu poder de decisão e de agir sofre alterações consideráveis e preocupantes. Alguns alunos chegam ao novo território onde irão residir sem ter noções importantes de como se comportarem diante das questões que demandam responsabilidades, das pressões que envolvem essa fase e que afetam diretamente o desenvolvimento de cada jovem, demandando um auxílio em como utilizar a liberdade da melhor forma possível.

Nos momentos de lazer, os indivíduos buscam realizar atividades que possibilitem formas agradáveis de excitação, de expressão e de realização individual. As atividades de lazer geram uma certa ideia de liberdade ao proporcionar uma fuga temporária à rotina cotidiana de deveres e de obrigações sociais. (BRENNER et al., 2005)

Os jovens buscam satisfazer suas vontades quando saem e realizam outras atividades, buscam justamente esse escape e o que a sociedade lhes oferece nem sempre é construtivo. O mundo das drogas rodeia incessantemente o mundo dos jovens que, em formação acadêmica, podem se desvirtuar de suas relações sociais. A liberdade e o lazer são necessários, o indivíduo precisa deles em certos momentos de sua vida, mas é preciso alertá-lo de que deve conduzi-los com consciência, caso contrário, eles podem corromper a quem faz mau uso deles.

A combinação de responsabilidade diminuída, maior tempo livre e despreocupação conduz ao tédio e à procura de novas e excitantes experiências. Na nossa sociedade, essa procura leva, muitas vezes, às drogas. (LOURIA, 1972, P. 25)

A juventude possui fatores de risco, tais como: a liberdade, a curiosidade, o tédio e a carência de consciência bem desenvolvida e construtiva. Eles se encontram na vida, quando não há tantos compromissos e responsabilidades, como na vida adulta, e por mais que existam tarefas a serem cumpridas, é comum que os jovens possuam tempo disponível para ser administrado da forma desejada. Porém, quando não há atividades profícuas disponíveis, esses jovens se guiarão pelas ações daqueles que são comuns a eles, com quem eles se identificam e decidem seguir. Seguindo a perspectiva da sociedade debilitada na qual fazemos parte, essas ações podem se dar de forma negativa.

As atividades de lazer e de entretenimento ocupam uma boa parte do tempo livre dos jovens. Ao analisar as atividades que mais ocupam seus finais de semana, observa-se a alta importância, em se tratando da circulação e do desenvolvimento da sociabilidade ligada à diversão. (ABRAMO, 2005)

O lazer da juventude remete à curtição, a prazeres, e a distrações. O perigo nessa fase é justamente como será administrado o tempo livre, como esse jovem irá se comportar perante as várias opções (lícitas e ilícitas) de diversão. Como serão as escolhas na hora de abstração dos demais afazeres e dos compromissos acadêmicos. Ao buscar algum tipo de lazer, o jovem tem como uma das opções os bares, as festas e as companhias negativas. Muitos jovens não se encontram desenvolvidos conscientemente ao ponto de optarem apenas por atividades que lhes farão bem, há aqueles que experimentam e preferem o lazer que tende a corromper sua vida.

Esse período da vida do indivíduo requer um olhar mais atento, em especial, diante do quadro das drogas, porque à medida que o domínio do abuso dessas substâncias aumenta, as pressões internas e externas sobre aqueles que não as usam aumentam tremendamente. Há constante coação para que pelo menos as experimentem. (LOURIA, 1972) Aqueles que optam por não fazer parte desse mundo abusivo são vistos pelos demais como “caretas” e inadequados para a idade, como quem não sabe aproveitar a vida.

A liberdade é positiva, necessária e construtiva, mas o tempo livre e a imaturidade podem conduzir esse jovem ao abismo. É de suma importância que esses jovens saibam administrar sua liberdade e a nova realidade na qual se encontram isentos do olhar atento diário de seus familiares, buscando o seu desenvolvimento não só acadêmico, mas social, enquanto futuro adulto responsável. A liberdade transmite a ideia de poder e de controle, agora são “donos” de seus próprios atos, não há quem possa dizer sempre o que fazer; embora a juventude necessite de um sujeito que possa direcioná-la, não são mais crianças para serem supervisionadas constantemente. Na concepção do jovem que passa a viver um mundo antes desconhecido, é comum que se sintam por vezes perdido. Nova rotina, novos amigos, novos compromissos, nova liberdade, a adaptação nem sempre é fácil. Se encontrar em um novo território, até então desconhecido, pode facilmente levar ao tédio nas horas vagas, não saber para onde ir e o que poderia fazer para se ocupar se torna uma ameaça para os jovens que estão em processo de amadurecimento.

No que se refere a uma maturidade frágil e a uma liberdade plena, como é o caso de muitos jovens, tudo se torna ainda mais agravante. A sensação de conforto e de quem tem controle sobre a situação fala mais alto, já que existe a ausência de quem poderia de forma mais efetiva orientá-lo para um caminho longe das drogas.

Para que possamos vencer a batalha contra as drogas, os jovens terão que ser protegidos contra os estragos do tédio. Toda comunidade deve tentar oferecer à sua juventude uma série de atividades construtivas e emocionantes. Só isso, é claro, não resolverá o problema. Não irá alcançar o jovem cujo problema seja o tédio íntimo, uma incapacidade de aproveitar quaisquer das atividades oferecidas. Não irá evitar que traficantes seduzam neófitos e os façam tomar drogas. Não acabará com o uso de drogas por simples curiosidade. Mas o alívio do tédio é um essencial primeiro passo; na verdade, qualquer comunidade que não proporcionar à juventude a oportunidade de se envolver em atividades interessantes e produtivas merece ter problema com as drogas. (LOURIA, 1972, P. 181)

O tédio precisa ser trabalhado e combatido na juventude, é muito arriscado permitir que os jovens se encontrem entediados, sem preencher suas horas vagas com atividades interessantes e construtivas. O ponto principal a ser tratado no enfrentamento do uso abusivo de drogas, é resolver a questão do tempo livre mal administrado pelos jovens, diante da ausência de uma consciência plena e de um suporte responsável para orientá-lo. Essa liberdade mais a imaturidade são fatores expressivos, uma vez que é muitas vezes a partir delas que o interesse em experimentar tais substâncias é despertado.

Os jovens precisam de atividades responsáveis e conscientes, mas que, sobretudo, sejam de seu interesse. Eles devem ter prazer em preencher seus horários vagos, e assim, não abrirem brechas para que o consumo abusivo do álcool e de outras drogas ganhe espaço em sua realidade. A universidade demanda muito dos jovens, preenche boa parte de sua carga horária, mas não totalmente. E quando buscam atividades divertidas nas horas vagas, esses jovens acabam se deparando com diversões muitas vezes ilícitas e nada construtivas. Muitos querem fazer parte de outras atividades, tais como: esportes, música, serviço, mas não lhes são oferecidas oportunidades para realização das mesmas.

2.2- IMPORTÂNCIA DE UM TRABALHO DO SERVIÇO SOCIAL

A partir da noção de que as drogas se inserem cada vez mais cedo na vida das pessoas, a ação profissional deve, em primeiro momento, valorizar o trabalho com os jovens nesse cenário, tendo como desafio romper com a realidade decadente que passa a fazer parte da vida de muitos que são fascinados por tais substâncias, buscando também estratégias que tenham como finalidade impedir que mais sujeitos tenham sua juventude arruinada.

Os jovens podem ser compreendidos a partir de suas escolhas e a liberdade proporciona essa tomada de decisão, então, é partir disso que o indivíduo se constrói. As suas escolhas o representarão. E, como os assistentes sociais podem permitir que os jovens que se encontram perdidos realizem ações negativas para si que desencadearão consequências no âmbito acadêmico e social sem que se faça nada?

(...) a juventude adentra o século XX como um problema e um campo de intervenção das ciências e das políticas públicas. Seus desejos, seus impulsos, sua imprevisibilidade, precisam ser controlados e disciplinados. O aparecimento de uma juventude libertária, que se movimenta e mobiliza contra o que considera ranços do atraso ou mesmo injustiças, parece contribuir para corroborar essa concepção. O aumento da delinquência juvenil, das manifestações dos estudantes, o movimento da contracultura, os movimentos pacifistas, com forte presença de jovens, o movimento hippie, a emergência de uma nova relação com a família de origem, também contribuem para tornar a juventude um problema social. (CASSAB, 2011, P. 157)

Podemos entender que, ao invés de serem trabalhados e aos poucos solucionados, esses problemas sociais que envolvem a juventude vieram se agravando e, hoje, despertam grande apreensão para quem os analisa, por mais básica que seja a reflexão. Não é difícil perceber os perigos que rodeiam os jovens, os riscos que estão propícios a vivenciar. E, se já é perigoso para aqueles que possuem o direcionamento de pessoas no qual confiam, para aqueles que não estão em convívio e não podem possuir tais direções, torna-se muito mais desafiador e arriscado lidar com os dilemas presentes no dia a dia. A liberdade acaba sendo mal desfrutada, a tomada de consciência se perde e a construção da maturidade se torna quase nula, eis que se estabelece o público alvo que precisa ser atendido e ouvido de forma qualificada pelo profissional de Serviço Social. São sujeitos sociais que estão vulneráveis a uma série de prejuízos, podendo se envolver seriamente com substâncias danosas, gerando graves consequências.

A drogadição é um processo de descapitalização, de vulnerabilidade e de fragilidade, inserida num conjunto complexo e difícil de relações de força. Para o Serviço Social incube a atuação nesta relação enquanto processo de enfraquecimento e de avanço dos patrimônios que compõem esse cenário. É justamente no momento em que os sujeitos se fragilizam e se tornam vulneráveis, perdendo poder e patrimônio, que passam a buscar os serviços de um assistente social; nesse momento se estabelece a nossa particularidade nessa relação de descapitalização e de fragilização/fortalecimento. O encontro e primeiro contato entre os sujeitos que se encontram debilitados e o Serviço Social ocorre, em geral, numa instituição. É fundamental entender essa fragilização no seu movimento mais complexo, já que a realidade é múltipla. (FALEIROS, 1997)

A juventude está em nós, em nossas famílias, em nossa sociedade nos pertence e nos dizem respeito. Não podemos abster-se do compromisso de nortear aqueles que precisam de um rumo a ser seguido. Quem se deixa corromper pela liberdade se encontra em apuros, exemplo disso é a ação de Estados voltados para o controle dos lazeres na juventude.

É principalmente nos tempos livres e nos lazeres que os jovens constroem suas próprias normas e expressões culturais, ritos, simbologias e modos de ser que os diferenciam do denominado mundo adulto. (...) A busca do controle dos lazeres juvenis faz parte da história de Estados e organizações sociais preocupados com o que comumente foi e ainda é considerado como tempo social potencialmente negativo e, em geral, pensado em oposição ao trabalho, este entendido como tempo de positividade no que se refere à formação humana. (...) é preciso considerar o lazer como tempo sociológico no qual a liberdade de escolha é elemento preponderante e que se constitui, na fase da juventude, como campo potencial de construção de identidades, descoberta de potencialidades humanas e exercício de inserção efetiva nas relações sociais. Assim considerado, o lazer pode ser espaço de aprendizagem das relações sociais em contexto de liberdade de experimentação. (BRENNER et al., 2005, P. 176)

Em suma, a liberdade pode trazer o crescimento e o amadurecimento para esse jovem. A partir de suas escolhas (sendo elas positivas ou negativas), é possível obter ensinamentos que contribuirão para sua vida adulta, entretanto, com a postura do assistente social que tem como objetivo de sua intervenção nortear as ações desses jovens, as escolhas negativas tendem a dar lugar a escolhas construtivas.

Apesar de a falta de liberdade ser um dos itens que aparecem como uma das piores coisas de ser jovem (citado por 22%), principalmente o controle dos pais (citado por 15%), poucos jovens que ainda moram

com os pais têm perspectiva ou mesmo desejo de sair já da casa paterna. (...) O desejo de autonomia cresce um pouco mais com a idade (é de 11% entre os adolescentes e de 22% entre os que têm de 21 a 24 anos) e com a escolaridade: a declaração de não ter planos de sair de casa dos pais cai de 50% entre os entrevistados com até nível fundamental de escolaridade para 24% entre os jovens com ensino superior. (ABRAMO, 2005, P. 60)

É válido observar que os jovens querem a liberdade, porém preferem conviver com seus familiares. Contraditório e questionador: Até que ponto a liberdade convém a esse jovem?

A liberdade é fator de anseio na juventude, os alunos que deixam seus lares para ingressarem na universidade a possuem em sua totalidade. Longe dos olhares rigorosos da família, podem usufruir da sua liberdade como acharem melhor. Mas é preciso ressaltar que muitos se perdem, talvez esse seja o motivo de alguns jovens desejarem a liberdade e ainda assim optarem por morar com seus pais.

A liberdade exige a maturidade que muitos não possuem, podendo claramente trazer danos para esses jovens. A família emite a sensação de proteção e que, embora algo dê errado, eles terão a quem recorrer, um pouco diferente de quando estão morando sozinhos, ou com outras pessoas de sua mesma faixa etária. Jovens com ensino superior tendem a planejar mais a saída da casa paterna do que alunos que se encontram em ensinos inferiores. Mas como destacado, embora exista a vontade de serem livres, esta noção e o que isto implica não é absorvido pelos jovens.

E por mais danoso que sejam as drogas, o mercado das drogas ilícitas cresce gradativamente, com o número de indivíduos que se deixam corromper por essas substâncias. Esses indivíduos estão propícios a ingressarem no mundo das drogas como consumidores ou trabalhadores. Tal refração da questão social junto as determinações das políticas públicas e da legislação é o quadro no qual o assistente social está inserido e que precisa ser enfrentado diariamente. (RODRIGUES, 2007)

Hoje, o ensino público ou até mesmo o privado, principalmente em relação ao ensino fundamental se vê diante de uma série de fenômenos que, por mais que não sejam temas novos ou desconhecidos para a esfera da educação, manifestam-se com muito mais força e complexidade: a juventude durante seus processos de afirmação, de amadurecimento e de reconhecimento enquanto categoria social, mediada constantemente pela ideologia do consumo; a precoce utilização das drogas pelos alunos; o desinteresse cada vez maior pela escola enquanto possibilidade de progresso

social e econômico; a gravidez na adolescência e a precarização das condições de trabalho docentes são algumas das várias expressões da questão social. A inserção do Serviço Social nas instituições de cunho educacional tem demonstrado não só o desejo desses profissionais e o resultado da atuação política e profissional na defesa dos direitos sociais e humanos, mas uma carência sócio-institucional. O assistente social no campo da educação passou a ser visto como a presença de um profissional que pode de fato contribuir com a expansão do processo educacional, contribuindo para o acesso e permanência dos jovens; atuando para que o ensino responda as demandas que são impostas diariamente devido às novas configurações da sociedade. (ALMEIDA, 2005)

O que notamos ultimamente é que a cada momento surgem novas composições, novas drogas que podem corromper a nossa sociedade e o ambiente acadêmico alvo da assistência estudantil. Diante dessa problemática cada vez mais emergente, o assistente social se torna um importante protagonista em prol da atuação dessa problemática, proporcionando meios para frear essa realidade abusiva e envolvente que deterioram cada vez mais os jovens. Os alunos das universidades contam com o amparo dessa categoria, por possuírem assistentes sociais que atuam na assistência estudantil para atendê-los; porém, as ações podem ser estabelecidas de modo mais efetivo, considerando junto a instituição como um todo, as diversas variáveis que englobam o uso abusivo do álcool e outras drogas.

As respostas dos jovens evidenciam que as políticas públicas não estão fazendo diferença no sentido de possibilitar alternativas de fruição no tempo livre e realização de práticas culturais não dependentes de relações de mercado. (BRENNER et al., 2005, P. 211)

Não existe a preocupação necessária por parte do Estado para preencher as horas vagas desses jovens com conhecimento e atividades produtivas. Não há ações que deem conta de direcionar o uso da liberdade desses jovens para algo construtivo, as atividades culturais desenvolvidas em sua grande maioria se dão de forma privada. Aqueles que não podem pagar para ter acesso se encontram excluídos dessas atividades. Não existe a preocupação necessária para atender plenamente de forma competente esses jovens nesse exato momento conturbado de sua vida.

Sabemos que a condição da Assistência Social no Brasil ainda é precária e deixa a desejar. Apesar de ser defendida extensamente nos textos constitucionais, existe uma carência de recursos orçamentários para investimentos efetivos em políticas públicas na

área da assistência, principalmente ao que se refere no âmbito preventivo. (ROSSINI; BARROS, 2012)

Esse é um desafio constante para o assistente social; como proporcionar atividades de cunho social que sejam positivas, informativas e proveitosas para seu público alvo, se nem os Estados proporcionam tais instrumentos de enfrentamento do uso abusivo de drogas na juventude? De que maneira é possível desenvolver meios preventivos e intervenções em prol desse quadro se não há políticas públicas efetivas e bem elaboradas que respaldem e forneçam o suporte e motivação necessários para essa prática em locais públicos?

O método convencional do ensino relativo às drogas, usado pela maioria das escolas, faculdades e comunidades, combina o trabalho em oficina durante de meio a dois dias com filmes e palestras apresentados por autoridades na matéria. Estou convencido de que só isso não tem dado e não dará conta do recado. Pessoas que ouvem uma série de palestrantes não podem sair levando informações válidas suficientes que lhes permitam fazer campanhas educacionais. (LOURIA, 1972, P. 154)

O que podemos notar é que existem algumas ações que visam à prevenção do uso abusivo de drogas no meio acadêmico, porém, ações que tem como resposta o insucesso. Não se dão da forma que realmente deveria ser, não despertam o interesse dos jovens, e não promovem a mudança almejada e necessária. A iniciativa de promover momentos para abordar o tema entre a juventude é mais do que válida, entretanto, quando se perdem na administração dos meios preventivos, a intenção de prevenir não se concretiza; fica apenas como uma intenção, e não é o que queremos.

Quando as ações preventivas realizadas por profissionais que atuam na área não estão restritas ao âmbito da informação, buscam trabalhar com aspectos estruturais e contextuais, direcionando-se assim, para a superação da vulnerabilidade e na promoção do bem-estar, na garantia da qualidade de vida. (ROSSINI; BARROS, 2012) Com um olhar atento aos diferentes comportamentos e arranjos de vida dos indivíduos, torna-se possível criar estratégias direcionadas para determinadas realidades.

A prática é particular, ela é específica, ela implica sujeitos com múltiplas determinações no todo. A redescoberta da especificidade é uma questão central da prática profissional, ao mesmo tempo que extremamente complexa na análise das relações de poder e fragilidade. O drogado, por exemplo, está, ao mesmo tempo, num processo de fragilização e na crença de que ele é poderoso. Por que se

toma droga? Justamente para se sentir poderoso, mas num processo de extrema fragilização das suas relações. (FALEIROS, 1997, P. 89)

Cada atendimento realizado pelo profissional é diferente do outro, cada indivíduo apresenta suas particularidades e apresenta uma situação num contexto diferente dos demais. Os casos podem ser semelhantes, mas não serão iguais. A análise diante do que o indivíduo está apresentando é fundamental para que se obtenha sucesso no tratamento. O uso de drogas envolve um vasto campo de questões; o porquê daquele indivíduo especificamente fazer uso abusivo de determinadas substâncias só poderá ser compreendido a partir de um contato mais próximo com o mesmo. Mais não se pode perder de vista, que é fundamental já se obter uma compreensão acerca do assunto. Entender que aqueles que procuram as drogas estão fragilizados e desorientados por alguma razão, contribui expressivamente para o processo de enfrentamento de tal problemática.

Com a compreensão das diferentes expressões de vulnerabilidade e diferentes contextos individuais, é possível analisar e atuar com mais clareza diante do quadro de uso de drogas. O indivíduo ao estar vulnerável requer ações que possam intervir diretamente e com eficiência para mudar tal situação de risco.

A compreensão de que ninguém é vulnerável, mas está vulnerável, resultante da dinâmica relação entre os componentes individuais, sociais e programáticos, provoca novas reflexões sobre a prevenção ao uso de risco e dependência de drogas, particularmente, em relação a projetos desenvolvidos no âmbito escolar. (SODELLI, 2015, P. 230)

A vulnerabilidade e as drogas como questões tão complexas exigem que os indivíduos reflitam diante delas. Mais importante do que apontar qual caminho o indivíduo deve seguir para fugir desses perigos, é fazer com que ele pense conscientemente sobre estar vulnerável e sobre as consequências de fazer uso abusivo dessas substâncias. Com a reflexão, o indivíduo muda seu olhar sobre essas configurações e representações errôneas que foram se estabelecendo socialmente e passa a criar uma postura consciente, sabendo se posicionar diante dela e não se deixe estar vulnerável; buscando sempre a superação de sua atual situação, rompendo com o conformismo, com a alienação e com a estagnação.

O nosso cotidiano é repleto de problemas e de questões desafiadoras, mas nós precisamos problematizá-lo, enxergá-lo como parte das relações sociais não só isoladamente, mas como um processo complexo, conflituoso e reverso à visão tecnocrática que estabelece o problema no indivíduo e não na relação social de

fragilização/fortalecimento. É necessário compreender a questão nos diferentes pontos de vista daqueles que estão envolvidos – do ponto de vista do jovem que faz uso abusivo de drogas, do ponto de vista da família e do ponto de vista da instituição. Somente com um olhar amplo diante da situação é possível analisar com clareza. Muitos assistentes sociais permanecem submissos à instituição no momento em que irá agir e só consideram uma única perspectiva. Não veem a relação daquela questão com as forças sociais no processo de vulnerabilidade, de perda de propriedade do indivíduo que necessita do atendimento. (FALEIROS, 1997)

Lidar com os jovens, hoje, é realmente uma tarefa desafiadora, complexa, que requer estudos e planejamentos. É preciso apreender as dimensões que englobam a juventude, falar de tal modo que ela compreenda e que não seja tão entediante a ponto de que uma rede social se torne mais atrativa do que o trabalho de mobilização e de informação que o assistente social está hábil a desenvolver. Não é tarefa fácil concorrer com tantas ferramentas de distração e tantas informações impostas aos jovens a todo o momento, mas é preciso tentar. Não podemos abrir mão da juventude por ser um campo difícil para trabalhar. Meios preventivos interessantes a seus olhos devem ser produzidos e implantados, para que eles não só entendam os malefícios que as drogas podem provocar, mas o quanto o bem-estar deles é importante e nos interessa. Que existem vários setores trabalhando na promoção de uma vida social e acadêmica segura e prazerosa para eles.

(...) o Serviço Social deve buscar a efetivação do histórico compromisso com a defesa intransigente dos direitos humanos, princípio fundamental do Código de Ética Profissional e que deve nortear as ações profissionais cotidianas, no caso específico, na prevenção ao uso de drogas. (SANTOS; FREITAS, 2012, P. 9)

A trajetória dos assistentes sociais, em relação à bagagem do conhecimento teórico e profissional no campo das políticas sociais e, em especial, da assistência, tem sido um dos fatores de maior expressividade para o reconhecimento da presença de tal profissional em diferentes áreas de atuação. Mas vale ressaltar que a efetiva inserção, assim como os alcances da sua atuação vão além do campo da vontade e da competência, já que representam movimentos e processos concretos de organização dos serviços sociais no campo de estruturas institucionais que foram historicamente construídas. Com isso, tal responsabilidade fica atribuída ao campo da organização e da intervenção política, pois irá expressar o resultado de um processo de desenvolvimento

dos meios de enfrentamento das expressões da questão social. O reconhecimento social e institucional da inserção destes assistentes sociais com os outros profissionais que atuam na área de educação representa um ponto importantíssimo para sua efetivação, ampliando e direcionando o debate para o núcleo dos processos sociais voltados para a ampliação e garantia dos direitos sociais e educacionais. (ALMEIDA, 2005)

Com o propósito de atender e de mudar a realidade desses sujeitos além do reconhecimento social e institucional, é essencial uma postura profissional competente que tenha um olhar diferenciado sobre as problemáticas. A mediação entre o assistente social e os jovens é de suma importância para prevenir e combater os problemas sociais que podem ser causados.

(...) a articulação de estratégias é um processo que pode ter tanto um efeito de fortalecimento do usuário no seu processo de capitalização como um efeito, que poderíamos qualificar de perverso, de fragilizar ainda mais o usuário com atitudes autoritárias, rotulativas, discriminatórias, clientelistas, tecnocráticas. (FALEIROS, 1997, P. 94)

O modo como será realizado o enfrentado do caso pelo assistente social é imprescindível. Com a realização de suas práticas, ele tem o poder de contribuir para a modificação do quadro social daquele indivíduo. Diante deste entendimento, a categoria profissional deve estar consciente de que um planejamento é essencial para a assimilação e para uma prática de sucesso, que os instrumentos utilizados possuem um peso por serem tão eficientes quando bem utilizados. Que a compreensão da estratégia que melhor se encaixa em determinadas conjunturas não só diz muito sobre o profissional que o assistente social quer ser, mas também estabelece uma responsabilidade e um comprometimento perante a sociedade, o indivíduo e a instituição. Os assistentes sociais podem ser compreendidos como interventores da realidade social, devendo estar engajados para que essa intervenção seja sempre positiva e atenda as demandas que exigem a atuação desse profissional que é tão importante para tantos segmentos.

Ao planejar, o assistente social estabelece uma postura dialética. O aqui e o agora são elementos a serem problematizados com base em uma análise e/ou discussão reflexiva, com o objetivo de que as consequências que irão surgir a partir do planejamento possam se concretizar em respostas eficientes. Sem a reflexão crítica diante das expressões da questão social, pode-se garantir que não há planejamento, há

apenas uma atividade ou tomadas de providências sem nenhum comprometimento ou engajamento ideológico, somente uma formalização ou uma repetição de posturas e de práticas anteriores. O planejamento é um procedimento de escolha e de possibilidade, incluindo decisões respaldadas num máximo de acertos e num mínimo de erros; sua visão utópica está diretamente ligada a uma consciência crítica e ideológica. Não é possível pensar em planejamento sem compreender o que se pretende alcançar com o conjunto de decisões. A intervenção sobre determinada realidade requer decisões contínuas e projetadas. A elaboração do planejamento se manifesta através de registros de documentos, sendo eles: os planos, os programas ou projetos que buscam justamente a superação da realidade, intervir onde há a necessidade de intervenção. (BARBOSA, 1979)

De fato, podemos concluir que ainda está longe de nosso alcance atingir o patamar social, que para nós seria o ideal, que atendesse plenamente todos os interesses sem que houvessem prejudicados, promovendo de fato o bem-estar social e a superação da debilitada realidade atual. Mas não podemos cair em um discurso pessimista e derrotado que não vê a possibilidade de transformação.

É de suma importância atender aqueles que estão fragilizados, resultado das relações sociais, mas, mais do que só atendê-los, é preciso empenhar-se para a superação dessa realidade vulnerável e desigual. Seria realizador poder afastar de vez todos esses jovens das drogas, cortando o mal e não permitindo a depreciação do indivíduo e, por conseguinte, de sua vida acadêmica, mas sabemos que é preciso trabalhar para que a realidade social comece a tomar outros rumos e possa se ver livre de tanta nocividade. Cabe ao assistente social demonstrar ainda mais a sua competência, sendo um profissional reflexivo que utiliza dos instrumentos que fornecem o embasamento da prática de sua profissão, para honrar com seus princípios e diretrizes, fazendo de fato a diferença nesse contexto social que temos hoje.

Diante de tal contexto social repleto de tensões e questões a serem trabalhadas, existe cada vez mais a necessidade de uma prática profissional informativa, reflexiva e coerente com o projeto ético-político, o Serviço Social ²(enquadrado na Lei Federal 11.343 de 23 de agosto de 2006 que estabelece o Sistema Nacional de Políticas Públicas

² LEI Nº 11.343, DE 23 DE AGOSTO DE 2006 - Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências.

sobre Drogas - Sisnad) ao pensar a questão das drogas, possui uma postura na qual acredita que a droga em si não possui a capacidade de desvirtuar o sujeito.

Muitas vezes, o uso do termo droga expressa uma visão que pretende atribuir às substâncias em si um poder de dominação abismal. Poder que, mesmo nas situações de dependência severa, é cientificamente infundado, já que o uso, o abuso ou a dependência de psicoativos resultam de interações que envolvem determinada substância, o indivíduo singular e condições sociais particulares. (CFESS, 2016, P. 8)

Apesar das muitas e expressivas dificuldades e diante de retrocessos ao que se refere o âmbito da categoria profissional, é possível identificarmos um “sujeito coletivo” “remando contra à maré”, ou seja, “campos de resistência” no enfrentamento à questão social como um todo e, especificamente, ao uso de drogas, tendo como referência os princípios éticos e políticos com base nos interesses e na defesa de direitos dos trabalhadores, dos usuários de drogas e das classes historicamente oprimidas. No núcleo da categoria profissional, as entidades representativas, em especial, o Conjunto CFESS-CRESS (Conselho Federal de Serviço Social - Conselho Regional de Serviço Social) têm problematizado a questão das drogas, estabelecendo uma postura que de acordo com seu discurso preza a defesa dos direitos humanos, de crítica ao proibicionismo e de denúncia no que se refere à criminalização da pobreza e dos movimentos sociais. (ALBUQUERQUE et al., 2015)

A postura defendida pelo Serviço Social é de apoio ao debate público sobre a legalização das drogas, acreditando que legalizar não seria estimular ou liberar de modo irrestrito o consumo, mas sim um meio para criar regras transparentes e democráticas que garantam o controle público sobre a produção, o comércio e o consumo. (CFESS, 2011)

Ao acreditar que a droga em si não modifica expressivamente o comportamento do indivíduo, consideram-se as posturas contrárias a tal perspectiva como de cunho preconceituoso e externos ao projeto ético-político.

Em CFESS (2015) são listadas determinadas situações que expressam como a execução das políticas sociais e o sistema de justiça no Brasil são capazes de efetivar medidas conduzidas por preconceitos com os usuários de drogas, sendo duas delas a:

realização de procedimentos sem o devido esclarecimento à/ao interessada/o, violando princípios éticos de cuidados à saúde, pela suposição de que o “consumo de psicoativo” anula a autonomia e a

capacidade de decisão da/o paciente; (...) medidas contrárias aos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, suspendendo o poder familiar pelo fato exclusivo de serem usuárias de psicoativos, sobretudo os ilícitos (há orientações jurídicas que determinam o abrigo compulsório logo após o parto, para fins de adoção de crianças geradas por mulheres usuárias de crack, por exemplo); (P. 13-15)

Segundo a Política do Ministério da Saúde para a Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas, passa a ser inevitável a necessidade de estruturação e de fortalecimento de uma rede de assistência, direcionada à atenção comunitária, associada à rede de serviços de saúde e ao social, dentre outras políticas intersetoriais, que tenham como objetivo a reabilitação e a reinserção social dos seus usuários. Dessa forma, deve-se considerar que a proposta de cuidados a pessoas que apresentem problemas gerados pelo uso de álcool e de outras drogas deve ter como base dispositivos extra-hospitalares que ofereçam atenção psicossocial especializada, como ocorre no Centro de Atenção Psicossocial Álcool/Drogas (CAPS ad), conforme articulados à rede assistencial em saúde mental e outras redes intersetoriais. (GOULART; SOARES, 2013)

O objetivo da prática do assistente social deve-se constituir em buscar as melhores alternativas para determinadas situações. No caso das drogas, é fundamental que exista uma análise e um estudo aprofundado dos inúmeros conteúdos desenvolvidos acerca dessa questão. Cada usuário apresenta um ponto a ser trabalhado, pois práticas equivocadas podem comprometer o atendimento negativamente.

Infelizmente, o que temos percebido é que atualmente há uma aceitação por parte da categoria profissional com relação ao discurso “superficial e moralizador” que adota respostas fáceis e imediatas para questões intensamente complexas e difíceis em tempos de crise do capital e de agravamento da questão social como a violência, a criminalidade e o uso de drogas. Assim, não é tão extraordinário identificarmos assistentes sociais participando e reproduzindo ações, no âmbito da saúde, da assistência social, da educação e do sócio-jurídico, que restauram a gênese e a institucionalização da profissão, contrapondo certos princípios que norteiam o Serviço Social. (ALBUQUERQUE et al., 2015)

Com base nas reflexões observadas da categoria profissional que são pertinentes para o debate acerca do uso de drogas, ressaltamos a importância de explorar o tema, aprofundando ainda mais a análise dessa questão. Embora existam as constatações presentes nas discussões do Serviço Social, trazemos algumas questões que devem ser

problematizadas, na medida em que existem muitos estudos que apontam para outra direção. Nós podemos compreender que as drogas podem e provavelmente irão desvirtuar o indivíduo, retirando dele o poder de agir conscientemente e de administrar sua vida de forma sadia, impossibilitando que ele direcione suas decisões com o foco principal para o que é melhor para si. Ainda que a categoria profissional acredite que a liberação para o uso de tais substâncias seria o melhor caminho para o enfrentamento do uso abusivo e a solução das problemáticas que envolvem essa prática, ao realizarmos um estudo mais denso sobre o tema, encontramos outras noções que nos ajudam a explorar melhor os desdobramentos que englobam o assunto. É importante considerarmos que os jovens são fortemente prejudicados pelas drogas e muitos não possuem a maturidade necessária para não se deixar envolver. Além do mais, o que podemos notar é que ultimamente os esforços para a prevenção do uso abusivo ainda que tenha avançado, precisa ser aprimorado para se tornar tão eficiente como deveria.

Apesar de o Serviço Social afirmar que o indivíduo, ainda que sobre efeito das drogas, possui capacidade plena de escolha, e que legalizar significa transferir a esse indivíduo sua própria liberdade e o respeito em garantir que seus desejos sejam atendidos, analisaremos aqui a partir do autor Gikovate (1997) que problematiza o uso de drogas com base em outra percepção:

Elas são a dependência, a renúncia à liberdade. Funcionam como coisa ruim disfarçada sob o manto da diversão e do erotismo. Quem é a favor das drogas é a favor da dependência, da falta de liberdade. Quem é a favor da individualidade e do direito de cada um de ser dono de si mesmo não pode ser a favor de nada que o possa tirar da rota que pretende seguir. (P. 67)

Torna-se um risco concordar que esse indivíduo que faz uso abusivo de drogas possui um autocontrole de si mesmo e das situações em que está inserido, já que existem tantos estudos que apontam para um viés contrário a essa perspectiva. Nosso atual contexto é repleto de dilemas que precisam ser debatidos e analisados profundamente, considerando os diferentes moldes que são atribuídos ao tema. O uso abusivo de drogas interfere diretamente na vida do indivíduo e daqueles que estão ao seu redor, por essa razão torna-se necessário sinalizar que ao contrário do que alguns defendem, o efeito das drogas tende a tirar daquele que faz uso o controle consciente de seus atos.

Certamente a maioria dos adultos que não fazem uso abusivo dessas substâncias conseguem distinguir o que é bom ou ruim para eles. Contudo, entre os jovens esse poder é bem menor. O imediatismo e a inconsequência fazem parte da condição de ser jovem. Ainda que o Serviço Social encare essa questão de outra forma, é uma grande ilusão acreditar que, se as drogas fossem legalizadas, os jovens teriam “sabedoria” suficiente para avaliar apropriadamente os riscos do uso e do abuso. Uma vez que o consumo de drogas tem o seu ponto de partida, principalmente na juventude, não demoraria muito para uma sociedade onde todas as drogas fossem liberadas se transformasse numa sociedade de “zumbis”, de alienados, com grande parte de jovens usando drogas indiscriminadamente. Além do mais, a legalização das drogas representaria um aval do Estado de que elas podem ser usadas, sugerindo que as mesmas não implicam sérios riscos. (MENDONÇA, 1997)

Nossas posturas devem refletir criticamente sobre a atual conjuntura que vivemos e as consequências que nossas ações podem desencadear no futuro. Enquanto profissionais, temos o compromisso ético de discernir o que é melhor para o indivíduo e para o coletivo. A reflexão é sempre positiva e agrega valores, é importante buscarmos diferentes olhares sobre o mesmo ponto e, a partir disso, construirmos a nossa perspectiva, visando o que é mais sensato para o atual contexto social. Em função da revisão efetivada que corrobora com a ideia tratada por todo o percurso deste trabalho, cremos que tais substâncias realmente impossibilitam que o indivíduo possua plenas condições de dominação sobre suas ações e que a liberação para o uso de drogas desencadearia consequências catastróficas.

Para exercitar uma escolha livre, é preciso, em primeiro lugar, conhecer com clareza o propósito desejo ou necessidade, saber das opções possíveis, e entender as consequências de cada uma das possibilidades de ação. Portanto, uma vez estabelecida a condição de dependência, a liberdade fatalmente desaparece, pois a pessoa é obrigada a continuar “escolhendo” usar o que lhe faz mal. Isto é, quem se deixa seduzir por esse apelo – feito em nome do mais precioso dos direitos humanos, que é a conquista da liberdade – pode ser levado à pior escravidão, que é a dependência química ou psicológica. (ARATANGY, 1991, P. 57)

Sobre o efeito das drogas no organismo, os indivíduos se encontram desorientados, perdem a noção dos riscos e, por muitas vezes, a razão. Suas decisões agora estão sobre constante influência dessas substâncias, por mais que possa existir a vontade em dar fim a esse quadro abusivo, as recaídas são constantes. O vício faz com

que quem usa queira ter constantemente as mesmas sensações que sentiu ao usar determinada droga, e em alguns casos desejam sensações ainda mais intensas. Se a droga realmente não tirasse o poder de discernimento do sujeito, no processo de tratamento não existiria a necessidade de ele primeiro ser desintoxicado, internado, para depois passar por um processo de recuperação. Considerando as constatações do Serviço Social de que é possível ter atitudes conscientes mesmo que sobre o efeito de drogas, questionamos aqui, por que em primeiro momento é preciso eliminar essas substâncias químicas do organismo do indivíduo?

Percebemos que é imprescindível prevenir o uso abusivo de drogas, tratar e acompanhar o processo de eliminação dessas substâncias do organismo do indivíduo atendido, para que as ações que visam à recuperação e à ressocialização caminhem para o sucesso. Ao voltar a fazer uso abusivo de drogas e estando sobre o efeito dessas substâncias, as escolhas desse sujeito e o rumo de sua vida estão seriamente comprometidos. É fundamental que seu poder de compreensão e de análise da realidade se deem em sua plenitude, para que ele possa realizar decisões conscientes como qualquer pessoa, sem que haja prejuízos em seu papel de cidadão.

O que existe hoje no Brasil, do ponto de vista de política pública sobre saúde na área de drogas, é um grande investimento financeiro nos tratamentos e pouca atenção na prevenção e cuidados pós-tratamento. A grande maioria das propostas trabalha intensivamente na questão da interrupção do consumo (que é necessária), mas dedica pouca atenção à manutenção do comportamento de mudança. Nesse sentido, é necessária a construção de redes de políticas sociais que realmente garantam que esse indivíduo possa voltar a beber moderadamente ou parar de fazer o consumo definitivamente de uma determinada droga, ou mesmo ser reinserido dentro de um programa social que o inclua como cidadão, trabalhador e protagonista de sua própria vida. Se isso não acontecer, ele tem sérios riscos de recair e ficar entregue ao fenômeno anacrônico da invisibilidade social, despatriado da sua história. (SILVA, 2011, P. 38)

De fato, não podemos admitir posturas preconceituosas e autoritárias que desrespeitem o indivíduo, mas em relação ao uso de drogas, é de suma importância que a profissão reveja seu posicionamento e ponto de vista em certos aspectos, uma vez que o entendimento sobre a realidade do indivíduo e o enfrentamento dessa questão são conduzidos a partir de suas percepções e práticas. Não se trata apenas de cumprir direitos, a problemática é muito maior, para além disso. Permitir que o indivíduo permaneça “optando” por usar drogas não quer dizer que o respeitamos e o deixamos

ser livre, mas sim que não há a proteção e a intervenção de que ele tanto necessita nesse momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Estivemos ao longo desse trabalho efetuando uma análise acerca da liberdade no momento em que ainda não havia uma construção plena da maturidade, desencadeando assim o uso abusivo de drogas no cenário universitário acentuado devido ao rompimento dos laços familiares e do fato de a instituição não impor limites mais precisos.

No primeiro momento da presente monografia, efetivamos um estudo acerca do cenário sócio-histórico evidente no uso abusivo de drogas, apontando a trajetória das mesmas no Brasil, desvelando sobre as possíveis motivações ao uso e suas consequências. Alertamos sobre os malefícios causados por elas e os riscos que envolveriam a legalização de tais substâncias que afetam diretamente a vida social dos indivíduos e como provavelmente vão agir no organismo de quem as toma, explicando também as especificidades das drogas e os tipos de dependência.

Ao trazermos a vulnerabilidade como forte determinante, seguindo a noção do que é estar vulnerável para o uso de drogas na juventude e os riscos que representam tal situação, destacamos os estudos que trazem a problematização diante da trajetória e da cultura brasileira, discorrendo sobre as diferentes noções de vulnerabilidade e como esse fator de instabilidade e de fragilidade está ligado ao abuso de substâncias lícitas e ilícitas nesse período da vida. Apresentamos, ainda, como a maturidade e as escolhas interferem na construção de uma ideologia sábia e consciente e como a família exerce papel fundamental para orientar o melhor caminho a ser seguido em um período que é repleto de dúvidas e influências, dando maior destaque aos jovens que estão inseridos em universidades por ser esse o propósito deste trabalho. Compreendemos então que o jovem com base em suas experiências e decisões constrói por si mesmo a sua própria identidade e a juventude é uma categoria social em constante desenvolvimento. Alertamos também para a necessidade de um suporte daqueles que podem direcioná-lo para as escolhas positivas e construtivas.

No segundo momento do trabalho, trouxemos para análise o espaço da universidade pública enquanto um lugar propício para a liberdade entre os jovens imaturos e sua constante relação com a sociedade e os âmbitos que envolvem as repercussões negativas geradas pelo uso de drogas. Produzimos compreensões sobre o desenvolvimento do ensino no país, salientando os problemas sociais, os interesses de

classes e os aspectos políticos que acabam interferindo na trajetória dessas instituições e, por conseguinte, na vida dos jovens alunos. Sendo um ambiente com diferentes posturas e opiniões, a universidade pôde ser entendida como um local muitas vezes incomum à realidade desse jovem, introduzindo novos pensamentos que podem gerar conflitos e/ou mudanças de comportamentos, sendo as drogas um tema expressivo e muito abordado nesse sentido; passando a ser um desafio então para a instituição contribuir para elaboração de um pensamento consciente que possa realmente construir cidadãos maduros e responsáveis que sabem administrar suas escolhas da melhor forma. Evidenciamos também o papel do núcleo familiar no processo de construção da imagem do indivíduo e na consolidação de suas relações extrafamiliares e no seu próprio desenvolvimento; ações que são fundamentais para que o jovem entenda o que representa o uso de drogas e opte por ficar longe delas. Além disso, frisamos que a liberdade ao ser obtida pelos jovens que muitas vezes saem de casa e não estão em contato com seus familiares tão frequentemente, deve ser conduzida com sabedoria e que na juventude o tempo livre e o lazer representam um perigo quando estão juntos a outros fatores que desnorream esse jovem.

Ao finalizar, tendo em vista nosso contexto social com lacunas que precisam de atenção e demandam a atuação de um assistente social, fizemos uma análise comparativa entre as perspectivas do Serviço Social e as ideias que foram construídas ao longo desta monografia, dando ênfase ao trabalho de enfrentamento ao uso abusivo de drogas junto aos jovens, que são o público alvo dessas substâncias. Efetuamos análises sobre os problemas sociais que envolvem a juventude e a importância do profissional para trabalhar tais questões com esse jovem. Problematizamos a postura defendida pela categoria profissional que é a favor da liberação e prioriza o direito de escolha e a concepção de que é preciso um olhar mais denso e discutir ainda mais, que a legalização não seria a melhor solução e que o indivíduo sobre efeito de drogas encontra-se sem condições de análise consciente para tomadas de decisões em sua vida.

Alertamos que o presente trabalho precisa ser densamente problematizado e discutido junto à categoria profissional por apresentar essa suposta contradição entre a defesa de direitos e as reais condições que esses sujeitos vivenciam; uma realidade de ruptura de seus domínios que impossibilitam que os mesmos pensem criticamente e tenham sabedoria para lutar e alterar seu quadro de dependência sem que haja a intervenção do outro. Indagamos aqui como poderia ser diferente, como esse indivíduo

que faz uso abusivo de drogas teria plenas condições de decidir o rumo de sua vida se o primeiro passo para o tratamento para se livrar das drogas é justamente a desintoxicação - nesta fase o usuário se encontra inconstante, devido ao acúmulo de drogas em seu organismo, ocorre então a eliminação dessas substâncias tóxicas do mesmo para que posteriormente sejam efetuados os demais passos do tratamento. (PEREIRA, 2004)

A presente monografia foi muito rica e agregou saberes muito valiosos para o entendimento do quadro de abuso de drogas no país, principalmente, entre os jovens no cenário da universidade. Foi possível compreender e analisar os diferentes posicionamentos perante o tema e construir uma ideia fundamentada em tais perspectivas. Acreditamos que com estas reflexões iremos contribuir na construção de conhecimentos acerca do tema que está cada vez mais em destaque em nossa conjuntura, desencadeando diversos danos para os indivíduos e para a sociedade em geral. Desejamos que as problematizações aqui abordadas ganhem ainda mais relevância e estudos que tenham como finalidade explorar os diferentes posicionamentos, para que no fim possam ser construídos caminhos que priorizem o bem-estar da população sem que seja necessário correr riscos tão graves como seria caso fosse acatada a ideia de legalização.

BIBLIOGRAFIAS:

ABRAMO, Helena Wendel. **Condição juvenil no Brasil contemporâneo**. In: Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. Organizadores: Pedro Paulo Martoni Branco e Helena Wendel Abramo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMOVAY, Miriam; Et al. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, BID, 2002. 192 p.

ALBUQUERQUE, C. S.; PIRES, K. S.; SOUZA, S. E.; LIMA., L. S. **A Questão das Drogas e o Serviço Social: entre o conservadorismo e a defesa de direitos de cidadania dos usuários de drogas**. In: VII Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2015, São Luiz. Para Além da Crise Global: experiências e antecipações concretas, 2015.

ALMEIDA, Ney Luiz Teixeira de. **A educação como direito social e a inserção dos assistentes sociais em estabelecimentos educacionais**. In: O Serviço Social e a Política Pública de Educação. 2005.

AMANTE, Lúcia; MARQUES, Helena; CRISTOVÃO, Maria do Rosário; OLIVEIRA, Paula; MENDES, Sandra. **Jovens e processos de construção de identidade na rede: O caso do Facebook**. Educação, Formação & Tecnologias, 7 (2), P. 26-38. 2014. [Online], disponível em:< <http://eft.educom.pt>.>

ARATANGY, L. R. **Doces Venenos – conversas e desconversas sobre drogas**. São Paulo: Olho D'Água, 1991.

BADARÓ, Lúbia. **Múltiplas expressões da questão social ecoam sobre a infância e juventudes**. SER Social, Brasília, v. 15, n. 32, p. 167-183, jan./jun. 2013.

BARBOSA, Mário da Costa. **Planejamento e Serviço Social**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

BERNHEIM, Carlos T; CHAUI, Marilena S. **Desafios da Universidade na Sociedade do Conhecimento: cinco anos depois da Conferencia sobre ensino superior**. Brasília: UNESCO, 2008.

BRASIL. **Estatuto da juventude**: Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, e legislação correlata. – 3. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016.

BRASIL, Ministério da Justiça. **Fé na Prevenção: prevenção do uso de drogas em instituições religiosas e movimentos afins. Conversando sobre drogas com jovens**. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2010.

BRASIL, Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **Drogas: cartilha álcool e jovens** / Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. - Brasília, 2010.

BRASIL, Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **Drogas: cartilha sobre maconha, cocaína e inalantes** / Secretaria Nacional de políticas sobre Drogas. – Brasília, 2010.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras**. / Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas; GREA/IPQ-HC/FMUSP; organizadores Arthur Guerra de Andrade, Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte, Lúcio Garcia de Oliveira. – Brasília: SENAD, 2010. 284 p.

BRENNER, Ana Kariba; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. **Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros**. In: Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. Organizadores: Pedro Paulo Martoni Branco e Helena Wendel Abramo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

BUARQUE, Cristovam. **A aventura da universidade**. São Paulo: Editora da UNESP; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

BÜCHELE, Fátima; BERGUER Salema Coelho, Elza; LINDNER, Sheila Rubia. **A promoção da saúde enquanto estratégia de prevenção ao uso das drogas**. *Ciência & Saúde Coletiva*, vol. 14, núm. 1, 2009.

BULLA, L. C.; SOARES, E. S.; CAZANOVA, R. F.; BANDEIRA, G.S.; BARD, J. L. S.; SOUZA, J. P. S.; SILVA, L. B. R. E. . **Investigação sobre políticas e práticas de enfrentamento à drogadição: uma experiência de articulação entre ensino, pesquisa e formação profissional**. In: I Seminário Internacional sobre Políticas

Públicas, Intersetorialidade e Família, 2013, Porto Alegre. Desafios Éticos No Ensino, Na Pesquisa e na Formação Profissional. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

CAMACHO, Thimoteo. **A universidade pública no Brasil**. Revista de Sociologia N. 19 - p. 100-133, 2005.

CARLINI, E; GALDURÓZ, José; NOTO, Ana; NAPPO, Solange. **I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país: 2001**. São Paulo: CEBRID – Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo, 2002.

CARLINI, E; GALDURÓZ, José; NOTO, Ana; NAPPO, Solange. **Uso de drogas psicotrópicas no Brasil: pesquisa domiciliar envolvendo as 107 maiores cidades do país - 2001**. Rev Latino-am Enfermagem 2005 setembro-outubro; 13(número especial):888-95.

CASSAB, Clarice. **Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução**. Locus (UFJF), v. 17, p. 145-159, 2011.

CFESS. **CFESS Manifesta**. Dia Internacional de Combate as Drogas. 26 de Junho de 2011. Disponível em: <
http://www.cfess.org.br/arquivos/cfessmanifesta2011_SSdebateusosdrogas_APROVADO.pdf> Acesso em: 21 de Setembro de 2016.

CFESS. **O estigma do uso de drogas**. In: Série assistente social no combate ao preconceito. Elaboração do texto: BRITES, Cristina. Org: Comissão de Ética e Direitos Humanos CFESS; Diniz, T. M. R. G.; NEVES, D.; SANTOS, J. S.; MATOS, M. C.; TOMAZELLI, A. Caderno II. Brasília, 2016.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Educar: problemas da juventude**. São Paulo: EPU, 1974. 191p.

DASCAL, Marcelo. **Uma universidade para o próximo milênio**. In: Tempos de greve na universidade pública. Organização: Isabel Loureiro e Maria Cândida S. Del-Massi. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Estratégias em Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1997.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELOS, Ana Cristina de. **Manual para normalização e publicações técnico-científicas**. 8. ed. ver. ampl. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

GIKOVATE, Flávio. **Drogas: opção de perdedor** . 11. ed. São Paulo: Moderna, 1997. 85 p. (Polêmica).

GÓIS, Mariana Maiza de Andrade; AMARAL, José Hamilton do. **O uso de drogas lícitas e ilícitas e suas consequências sociais e econômicas**. *Etic - Encontro de Iniciação Científica*. v. 5, n. 5, p. 1-22, 2009.

GONÇALVES, Ernesto Lima. **O indivíduo perante o tóxico**. In: Sanchez, Amauri M. T. Et al. *Drogas e Drogados: o Indivíduo, a Família, a Sociedade*. São Paulo: EPU 1982. p. 53-70.

GOULART, Daniela C. Soares; SOARES, Ana C. Nassif. **Famílias e dependência de drogas: interfaces com as políticas públicas**. SIMPÓSIO MINEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 3. 2013. Belo Horizonte. 2013. 16p.

GUARESCHI, Neuza M. F.; REIS, Carolina D.; HUNING, Simone M.; BERTUZZI, Letícia D. **Intervenção na condição de vulnerabilidade social: um estudo sobre a produção de sentidos com adolescentes do programa do trabalho educativo**. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, UERJ, v. 7, n. 1, p. 20-30, abr. 2007.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. 25ª edição. Editora brasiliense, 1981.

LIMA, Telma C. Sasso de; MIOTO, Regina C. Tamasso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. *Revista Katál*, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37 – 45, 2007.

LINS, Maria Judith Sucupira da Costa. **Maturidade Ética e Identidade Moral: a construção na prática pedagógica**. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 633-649, set./dez. 2009.

LOURIA, Donald B. **Vitória sobre as drogas: um programa de ação**. Rio de Janeiro: Agir, 1972. 252 p.

MENDONÇA, João. **Subsídios para um diálogo sobre o abuso de drogas**. Petrópolis: Abraço, 1997. 63 p.

MONTEIRO, Simone R. R. P. **O marco conceitual da vulnerabilidade social**. Revista. Sociedade em Debate, Pelotas, 17(2): 29-40, jul.-dez./2011.

NETO, Heráclito Mota Barreto. **Padrões de uso de drogas, vulnerabilidade e autonomia: uma análise jurídico-bioética sobre o Art. 28, CAPUT, da Lei N. 11.343/2006**. In: Biodireito, organização CONPEDI/UNINOVE; Coordenadores: SILVA, Mônica Neves Aguiar da; ENGELMANN, Wilson. Florianópolis: FUNJAB, 2013. XXII Congresso Nacional do CONPEDI. Tema: “Sociedade Global e seus impactos sobre o estudo e a afetividade do Direito na contemporaneidade”. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/publicacao/uninove/livro.php?gt=78>>. Acesso em: 10 de agosto de 2016.

NÓBREGA, Livia de Pádua. **A Construção de Identidades nas Redes Sociais**. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 20, n. 1/2, p. 95-102, jan./fev. 2010.

OLIVEIRA, Nayara Hakime Dutra. **Recomeçar: família, filhos e desafios**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

OLIVEIRA, Sandra Mara de. **Reinserção Social do Morador de Rua Adulto Dependente Químico**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso do Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

PAULILO, Maria Angela Silveira; JEOLÁS, Leila Solberger . **Jovens, Drogas, Risco e Vulnerabilidade: Aproximações Teóricas**. In: Serv. Soc. Rev., Londrina, v. 3, n. 1, p.39-60, jul./dez. 2000.

PEREIRA, Elaine Lúcio. **Processo de reinserção social dos ex-usuários de substâncias ilícitas**. 2004.

RODRIGUES, Janaína dos Santos. **O serviço social e as políticas públicas brasileiras no trato do álcool e outras drogas**. III JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS. São Luís – MA, 2007. 9p.

ROSSINI, Luiz Eduardo de Azevedo; BARROS, Mari Nilza Ferrari de. **Ações preventivas no contexto da vulnerabilidade social.** Serv. Sov. Rev., LONDRINA, V. 15, N.1, P. 108-136, JUL./DEZ. 2012.

SANTOS, Arlei Rosa dos; FREITAS, Tais Pereira de. **O Serviço Social na prevenção ao uso de drogas: desafios interdisciplinares para o trabalho profissional.** In Proceedings of the 2nd Seminário de Saúde do Trabalhador de Franca, 2012, Franca (SP, Brazil). 2012.

SARTI, Cynthia Andersen. **O jovem na família: o outro necessário.** In: Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. Organizadores: Regina Novaes e Paulo Vannuchi. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILVA; Eroy Aparecida da. **Intervenções clínicas: o uso, abuso e dependência de drogas.** In: Álcool e Outras Drogas./ Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região. – São Paulo: CRPSP, 2011.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Reflexões sobre o conceito e a função da universidade pública.** Estudos Avançados. 2001.

SODELLI, Marcelo. **Drogas, prevenção e as ações redutoras de vulnerabilidades.** In: Drogas no Brasil: entre a saúde e a justiça: proximidades e opiniões. Vilma Bokany (organizadora). – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de História da Cultura Brasileira.** Editora: DIFEL, 14ª edição, 1986.

TANCREDI, Francisco B. **As toxicomanias do ponto de vista da Medicina e da Saúde Pública.** In: Sanchez, Amauri M. T. Et al. Drogas e Drogados: o Indivíduo, a Família, a Sociedade. São Paulo: EPU 1982. p. 3-50.

VIGEVANI, Tullo. **Pensar a crise da universidade para além das questões conjunturais.** In: Tempos de greve na universidade pública. Organização: Isabel Loureiro e Maria Cândida S. Del-Massi. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002.

ANEXO I:

Reportagem Online:

jornalterceiravia.com.br/noticias/campos-dos-goitacazes/63939/estudantes-da-uenf-sao-detidos-com-drogas-dentro-da-universidade

Notícias

Balbi Escreve

Opinião

Papo Terceira Via

Fotogaleria

Campos dos Goitacazes

Macaé/Rio das Ostras

Norte-Noroeste Fluminense

Estado do RJ

País

Mundo

Eu vi, eu conto

Telejornal

Esporte

Oportunidades

Caderno Vida

CAMPOS DOS GOYTACAZES

Compartilhar Gosto 0 Tweet G+ 0 +

Data: 29/01/2015 - 08:43:02

Estudantes da Uenf são detidos com drogas dentro da universidade

Os alunos estavam embalando um cigarro de maconha e a PM encontrou um sacolé da mesma droga

Dois alunos da Universidade Estadual do Norte Fluminense (Uenf), do curso de Agronomia, foram detidos na noite de ontem (28 de janeiro) com drogas dentro da universidade. Na hora da abordagem, os estudantes alegaram que a droga seria para o próprio uso.

Segundo a Polícia Militar, os jovens estavam embalando um cigarro de maconha e ainda tinham mais um sacolé da mesma droga. Os dois já foram levados para a delegacia do Centro, onde a ocorrência foi registrada.



Estudantes da Uenf são detidos com drogas dentro da universidade (Foto: Divulgação PM)

LEIA MAIS

09/07/2016 - 12:49:01
Polícia recupera carro roubado e prende suspeito com arma em Guarus

09/07/2016 - 11:38:01
Polícia Militar apreende maconha no Parque Califórnia

09/07/2016 - 11:24:01
Carro bate em árvore no posto da BPRV na RJ-216 em Campos

09/07/2016 - 11:10:03
Ex-presidente da Odebrecht pode envolver Garotinho na Lava Jato

09/07/2016 - 10:50:01
Homem é baleado no Parque Presidente Vargas, em Guarus

Disponível em: <http://jornalterceiravia.com.br/noticias/campos-dos-goitacazes/63939/estudantes-da-uenf-sao-detidos-com-drogas-dentro-da-universidade>

ANEXO II:

Reportagem Online:

www.ururau.com.br/cidades43338_Estudantes-detidos-com-drogas,-armas-e-munições-em-república

08 de abril de 2014 · 17:58

COMPARTILHE



REDES



RSS



CIDADES E REGIÃO - TRÁFICO DE DROGAS

Estudantes detidos com drogas, armas e munições em república em Campos



Ururau

Um dos detidos teria confessado à polícia que guardava drogas para a TG

Três jovens universitários foram detidos em uma residência que funcionava como república estudantil na tarde desta terça-feira (08/04), no Bairro do Horto, em Campos. Uma grande quantidade de armas, munições e dois pés de maconha foram apreendidos.

Segundo informações de policiais militares do Grupamento de Ações Táticas (GAT I), a detenção e apreensão aconteceram por volta das 15h, após denúncia de que na casa, situada na Rua João Carvalho, havia plantação de maconha.

marisa.com.br

		
R\$ 35,99	R\$ 15,99	R\$ 25,99

Disponível em: http://www.ururau.com.br/cidades43338_Estudantes-detidos-com-drogas,-armas-e-munições-em-república-em-Campos